

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

LEONARDO HENRIQUE CRUZ MACHADO

**NAS CONTAS DO MEU ROSÁRIO:
PROTAGONISMOS E RESISTÊNCIA POLÍTICO-RELIGIOSA NO
QUILOMBO CARRAPATOS DE TABATINGA, BOM DESPACHO/MG**

Belo Horizonte
2018

LEONARDO HENRIQUE CRUZ MACHADO

**NAS CONTAS DO MEU ROSÁRIO:
PROTAGONISMOS E RESISTÊNCIA POLÍTICO-RELIGIOSA NO
QUILOMBO CARRAPATOS DE TABATINGA, BOM DESPACHO/MG**

Monografia apresentada ao curso de Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para a obtenção do título de bacharel em Antropologia

Orientador: Aderval Costa Filho

Co-orientação: Isabel Santana de Rose.

BELO HORIZONTE
2018

AGRADECIMENTOS

A tudo e a todos que de certa forma contribuíram para que hoje eu estivesse aqui, seja positiva ou negativamente, deixo meus agradecimentos. Um salve ao “povo” do Rosário e a todos seus encantos e mistérios. A “todos” que me guiaram por este caminho. A São Benedito, Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e a São Jorge Guerreiro. Agradeço à “todos” do CESS e ao Guaraci, pelo cuidado que tiveram para comigo. Um salve aos campos de batalha, onde me fiz batalhador. À todas as dificuldades que passei, que me fizeram mais forte. Às bênçãos que tive, de toda natureza. Um salve aos caminhos que agora se abrem.

Um salve aos meus antepassados, que de certa forma foram o fio condutor de minha existência para o aqui e o hoje. Um salve aos meus pais Tódia e Eudes, por todo amor, aprendizado, valores e suporte na minha vivência, por acreditarem e apostarem em mim mais que eu mesmo. Um salve ao meu irmão Luiz Kennedy, cujo companheirismo extrapola o significado de relação fraterna. Sem vocês nada disso se concretizaria. Um Salve aos meus familiares pelo apoio constante, à tias, tios e à minha avó Nita. Um muito obrigado aos primos, em especial a Gabriel, “parça” durante o período de escrita da monografia em Bom Sucesso, e à prima Giselle, pelo carinho e apoio, apesar da nossa “malice”.

Aos meus colegas de curso, agradeço a convivência e aprendizado nesses últimos anos, sobretudo a Marlon, Lorena e Giulia, os quais deixaram mais agradável e suportável minha estada em BH. Agradeço aos que dividiram morada comigo, um salve ao Rond, Acácia, Vinícius, Angie e Rafael pelo companheirismo e amizade.

Um salve ao NESTH, Núcleo de Estudo Sobre Trabalho Humano, pelas oportunidades que me foram possibilitadas, tal como o aprendizado e vivência. Meu muito obrigado professor Bebeto Horta e à orientadora de campo Flávia Assis.

Meu obrigado ao professor Aderval, pela orientação (em todos os sentidos), pelos conselhos ao longo do curso e oportunidades. Um salve à co-orientadora Isabel de Rose, pela zelosa atenção e paciência nesse difícil período de escrita.

Por último e não menos importante, todo meu agradecimento e reconhecimento ao Quilombo da Tabatinga. Um salve à Dona Sebastiana, figura ímpar e única, que tive a divina oportunidade de conhecer. Um salve ao Pai Tonho, pelo carinho, pelo aprendizado, pelas risadas. Um salve à Sandra, Graça, Tânia, Góia, Muruca, Maria e Taquinho, à Gabriel, Ana Luiza, Laura, Cleiton, Holdry, Débora, Luana, Marcelly, Paolo, Fran e Dárdara. Ao massambique São Benedito e às mulheres guerreiras quilombolas de Tabatinga é dedicado este trabalho, como parte do reconhecimento que merecem!

Vamos balancear pra Nossa Senhora do Rosário... foi ela que nos libertou dessas malditas correntes! – Capitã Sebastiana

RESUMO

Com base em experiências de campo nos últimos 4 anos, esse trabalho de graduação reúne algumas análises e reflexões sobre a luta e resistência protagonizadas pelos moradores da comunidade quilombola Carrapatos de Tabatinga, quilombo urbano localizado na cidade de Bom Despacho, centro-oeste de Minas Gerais. Esses protagonismos são liderados sobretudo pela matriarca Sebastiana de Oxóssi, e se dão nas esferas político-sociais (pelo movimento quilombola e na inserção de sua comunidade nas políticas públicas do município), e também na esfera religiosa (onde é tida como a primeira capitã de massambique o estado, além de seus feitos na umbanda, onde é reconhecida regionalmente). Sua luta se faz presente em toda sua trajetória de vida e na história de conquista de sua comunidade, sendo uma notável figura de referência no movimento negro nacional.

Palavras-chaves: protagonismo negro, comunidade quilombola, congado, religiosidade afro-brasileira, festa popular.

ABSTRACT

This work is based on field experiences from the last 4 years, this final course assignment brings together some analyzes and reflections on the struggle and resistance carried out by the inhabitants of the quilombola community Carrapatos de Tabatinga, an urban quilombo located in the city of Bom Despacho, in the central-west region of Minas Gerais. These protagonisms are led mainly by the matriarch Sebastiana de Oxóssi, and takes place in the socio-political spheres (by the quilombola movement and in the insertion of her community in the public policies of the municipality), also in the religious sphere (where she is considered as the first captain of massambique in the state, in addition to her achievements in Umbanda, over which she is recognized regionally). Her struggle is present throughout her life and in the conquest history of her community, being a notable figure of reference in the national black movement.

Keywords: black protagonism, afrodescendent community, *congado*, afro-brazilian religions, traditional festivals.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Dona Sebastiana ao fundo a igrejinha Cruz do Monte.....	12
Figura 2- Abertura do Festival Canjerê 2015: Sandra pela Federação N'golo, à esquerda e Mãe Tiana com Dárdara e Gabriel.....	15
Figura 3- Festa de congado no povoado Guarita.....	18
Figura 4 -Retour à la maison mission accomplie.....	22
Figura 5- Ruas da Tabatinga, hoje com nome de Ana Rosa.....	33
Figura 6- Cruzeiro das almas que fica na porta do centro, na casa de Sebastiana.....	36
Figura 7- Sede da Associação Quilombola Carrapatos da Tabatinga.....	38
Figura 8- Sandra no massambique.....	39
Figura 9- Gungas.....	48
Figura 10- Patangomes em mãos.....	48
Figura 41- Maria e Eustáquio coroados Rainha Santa Efigênia e Rei São Benedito do massambique da Tabatinga.....	49
Figura 12- Guarda de congo. Detalhe para a diferença nas vestimentas multicoloridas.....	51
Figura 13- Aléxia carregando a bandeira à frente do massambique.....	53
Figura 14- Capitã Sebastiana comandando seu massambique.....	54
Figura 15- Caixeiros ao final da guarda.....	54
Figura 16- Capitã Sebastiana reverenciando Capitão-mor Vieira.....	57
Figura 17- Capitã Dárdara dançando para agradecer o alimento.....	59
Figura 18- Capitã Sebastiana fazendo reverência ao alimento.....	59
Figura 19- Sebastiana e seu massambique na igreja.....	61
Figura 20- Reis congos juntos na igreja.....	62
Figura 21- Carregando o andor de São Benedito.....	63
Figura 22- Massambique carregando andor.....	64
Figura 23- Descendo o mastro.....	65
Figura 24- Dançando ao pé do mastro.....	65
Figura 25- Capitã Sebastiana.....	67
Figura 26- Antônio Lázaro, ou Pai Tonho.....	68
Figura 27- Pai Tonho no massambique.....	71
Figura 28- Rosário acima do portão de entrada da casa de Sebastiana e Tonho.....	72
Figura 29- Massambique São Benedito.....	73

Figura 30- Massambique fazendo reverência num cruzeiro das almas. Determinados movimentos como esse somente o massambique de Tiana faz, sempre respeitando a tradição.....	75
Figura 31- Tambor Mineiro. Sebastiana sendo cumprimentada pelo deputado Reginaldo Lopes, do PT.....	79
Figura 32- Encontro de mulheres quilombolas realizado na Associação Quilombola de Bom Despacho em 2017.....	80
Figura 33- Maria das Graças.....	80
Figura 34 – Participação no III Festival Cultural de Inverno.....	83

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
1.1 Outros caminhos em paralelo	17
1.2 A fotografia no trabalho de campo	19
2 QUESTÕES QUILOMBOLAS.....	23
2.1 Discussões atuais sobre quilombos	23
2.2 Revisitando o termo quilombo.....	25
2.3 Ressemantizações	29
2.4 O quilombo carrapatos de tabatinga	32
3 CONGADOS E REINADOS.....	41
3.1 Primeiros cantos.....	41
3.2 O mito	43
3.3 O reinado.....	46
3.4 A festa	55
4 LIDERANÇAS E PROTAGONISMOS	67
4.1 Raízes: dos carrapatos à tabatinga	67
4.2 Resiliência no rosário	72
4.3 Protagonismo político de uma preta velha	76
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS	85

1 INTRODUÇÃO

Dentre todos os percalços que encontramos na graduação, a escolha do tema de pesquisa pode vir a se tornar um deles. Creio que essa escolha para a antropologia vai além de uma mera afinidade com a temática ou com os sujeitos da pesquisa. Minha relação com o tema por mim escolhido se deu de modo bastante particular, tendo sua origem no terceiro período da minha graduação, mais especificamente no início do ano de 2014, durante a abertura da inédita disciplina *Artes e Ofícios em Saberes Tradicionais*¹.

Naquela época tinha ainda uma vaga ideia sobre o trajeto que trilharia na graduação, tendo em vista as boas possibilidades que nos eram oferecidas. Matriculei-me nessa disciplina e fui no evento de abertura, que contava com vários mestres e mestras de várias regiões do Brasil. Trata-se de uma disciplina que traz o notório saber tradicional para dentro dos limites da academia, colocando-o em diálogo com o saber científico. Como argumenta Manuela Carneiro da Cunha (2009), os saberes tradicionais se diferem da ciência ocidental em seu modo de explicar o mundo, e não cabe a eles se submeterem aos métodos de comprovação científica hegemônicos para se valerem (2014). Esta autora ressalta que os saberes tradicionais não devem ser considerados estanques, pois estão em constante modificação, incorporando inclusive termos e epistemes próprios da ciência ocidental. A autora argumenta que os saberes tradicionais se valem também de investigação, processos, métodos e outros, não sendo um acervo fechado transmitido entre gerações.

Dentre mestres raizeiros, de capoeira, benzedeiras, de cerâmicas indígenas, plantadeiras de maniva (mandioca), etc., que deram aula nesta disciplina em 2014, me chamou atenção uma senhora que vestia azul escuro com um turbante branco na cabeça, de fala firme e forte: se apresentava então dona Sebastiana, anunciada como Mãe Tiana de Oxóssi. No evento de abertura da disciplina, ela fez uma pequena saudação, seguida de uma fala que dava destaque à resistência negra e indígena pelos mais de 500 anos de luta. Seu discurso causou uma reação acalorada pelo público, acompanhada de muitos aplausos.

¹ Neste ano, a disciplina era então vinculada ao projeto do Encontro de Saberes, ligado ao Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT) de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa, coordenado pelo professor José Jorge de Carvalho da Universidade de Brasília (UnB). A disciplina piloto oferecida na UFMG em 2014 convidou mestres e mestras de diferentes partes do país para transmitirem seus saberes, e contou com uma versão na graduação e outra na pós-graduação. Em 2015 foi institucionalizada na UFMG a Formação Transversal em Saberes Tradicionais, por meio da Pró Reitoria de Graduação (PROGRAD), e este programa passou a oferecer disciplinas regulares, com participação de mestres e mestras dos saberes tradicionais a cada semestre letivo.

Durante sua fala, essa senhora dizia morar em Bom Despacho² e contando um pouco de sua história vez ou outra falava em Bom Sucesso, minha cidade natal. Então, sem entender muito bem a relação entre as duas cidades, a procurei no intervalo da abertura, quando estava acompanhada de sua filha Sandra, e descobri que coincidentemente somos conterrâneos. Dona Sebastiana, é natural de Bom Sucesso, a 205 km de Belo Horizonte, na microrregião de Campos das Vertentes, tendo permanecido por lá até por volta de seus 15 anos de idade, segundo conta. Esse ponto em comum foi de suma importância posteriormente para efetivar minha imersão no campo.

Cursei a disciplina em questão, que era dividida em módulos, sendo o primeiro sobre “Saberes Quilombolas” ministrado pela Mãe Tiana e Seu Badu, mestre raizeiro da comunidade quilombola de Matição (Mato do Tição), Jaboticatubas (MG). As aulas foram cheias de cantos e atabaques, tendo algumas práticas nas matas da universidade, com todo encanto dos saberes tradicionais. Foi uma disciplina muito proveitosa e marcante, que fugiu da rigidez acadêmica a que estávamos habituados.

Tive uma boa interação com Dona Sebastiana ao longo dos encontros dessa disciplina e, aliado ao fato de sermos conterrâneos, creio que a aceitação de minha pessoa na comunidade foi muito facilitada, não passando pelo estágio espectro ou sopro de vento³, como relatado por Geertz (2008). Embora minha inserção no campo tenha se dado de modo gradual, acredito que tê-la feito primeiro com Dona Tiana foi fundamental para ter êxito nas relações com outras pessoas da comunidade. Numa certa ocasião, já familiarizado com e na comunidade, uma de suas filhas disse a um terceiro: “esse menino é filho da minha mãe... gosto muito dele porque a mãe adora ele”.

Ao final do módulo sobre “saberes quilombolas” na disciplina, peguei o contato da Sandra e agendei uma visita à comunidade de Dona Sebastiana, o quilombo Carrapatos de Tabatinga. Algumas semanas depois, junto a mais três colegas de curso, realizei a uma primeira visita a fim de fazer um pequeno exercício etnográfico para a disciplina “Fundamentos da Pesquisa Etnográfica”, que cursava naquele período. Devido ao fato de ser nossa primeira experiência de campo enquanto aprendizes de antropólogos, essa visita foi bem marcante, todos fomos para lá com muitas expectativas e ideias. Fomos muito bem recebidos e ficamos um final de semana visitando o bairro Tabatinga, a cidade de Bom

² Localizada na microrregião centro-oeste de Minas Gerais, à 158 km da capital Belo Horizonte.

³ Geertz quando estava em Bali compara sua presença entre os nativos a um sopro de vento, devido à rejeição inicial que passou. Segundo o autor, esse foi um estágio muito frustrante, mas que ele conseguiu superar quando fugiu da polícia que interceptou uma rinha de briga de galo. Os nativos passaram a vê-lo e a sua esposa com olhares de aprovação pois, embora corresse da polícia, podiam mostrar suas credenciais e saírem ilesos da batida policial (GEERTZ, 2008).

Despacho e ouvindo dona Sebastiana. Sua fala era quase um discurso, emotiva, acompanhada de um olhar imponente que impressionava. Ela contava sobre sua história de vida, sobre as conquistas e enfrentamentos que teve na justiça e no cenário político nas passagens que teve em Brasília. Levou-nos para conhecer a cidade e os espaços que vem ocupando ao longo desse tempo em que reside lá. Visitamos o quartel da polícia militar⁴, fomos à capela da Cruz do Monte⁵ que se encontrava de portas fechadas, mas Tiana “mandou chamar” o responsável para podermos entrar. Levou-nos também à rádio difusora e improvisamos até uma entrevista⁶. Esse primeiro contato com o universo quilombola em campo foi muito enriquecedor justamente por ter sido mediado pela Dona Tiana, líder nata e mestra em saberes tradicionais.

Nessa ocasião tinha como intenção na antropologia desenvolver pesquisas sobre terreiros de umbanda em contextos de quilombos, de modo que focava minhas primeiras visitas à comunidade nessa temática. Apesar de ter sido reconhecida naquela cidade primeiramente através de seus trabalhos na umbanda, os poucos fui percebendo que esses não ocupava necessariamente um lugar de centralidade nas pautas quilombolas, os movimentos e demais lutas que os “carrapatos” enfrentam politicamente. Entretanto, isso não reflete de modo algum uma pouca importância do exercício da espiritualidade através da umbanda por parte dos comunitários. A espiritualidade de Mãe Tiana e Pai Tonho é um dos pilares que sustenta e assiste à luta diária dos carrapatos. Ela era e ainda é muito requisitada por seus dons de cura desde seus primeiros anos como residente nessa cidade e até mesmo antes de fixar residência por lá. Por outro lado, apesar de Dona Sebastiana ser regionalmente reconhecida por esse viés religioso⁷, atualmente esse é um assunto mais retido e voltado ao núcleo familiar, além das pessoas que os procuram para demandas espirituais. A umbanda ocupa sim lugar de destaque na vida dos Carrapatos de Tabatinga, porém não está presente no discurso político dos comunitários como acontece com as questões raciais, quilombolas e mesmo o reinado⁸, sendo esse meu foco e intenção de análise neste trabalho. Com exceção às

⁴ Interessante esse fato, pois entendi que Dona Tiana quis mostrar o quão bem aceita ela é, sobretudo em instituições que historicamente têm em seu quadro de ação casos de repressão ou represálias aos negros.

⁵ Pequena capela próxima à comunidade.

⁶ Está é uma prática frequente de Sebastiana com os visitantes que vão à comunidade, que vejo como parte de sua estratégia política e de inserção na cidade.

⁷ Recebe visitas quase diariamente para que ela possa benzer ou fazer algum trabalho espiritual similar à benzeção. Já presenciei visitas dessa natureza de pessoas vindas de cidades que ficam há horas de viagem, para poderem consultar com Mãe Tiana. Entretanto eles têm diminuído esse tipo de atendimento devido à idade e suas outras atividades.

⁸ Tiana vez ou outra faz referência à entidades e guias, ou simplesmente faz menção à umbanda em seus assuntos mais corriqueiros. Pai Tonho, seu marido, tem um perfil mais fechado em relação à esses assuntos. Fui conversar com ele a respeito desse tema somente depois de muito ter ido à comunidade.

situações em que estão prestando atendimento no centro, trabalhando com alguma entidade, eles não preenchem suas conversas com esse tema. Atualmente, suas sessões espíritas⁹ acontecem de modo esporádico e sem data certa, ocorrendo quase sempre às sextas-feiras.

Figura 1- Dona Sebastiana. Ao fundo a igreja Cruz do Monte.¹⁰



Numa das visitas, Pai Tonho, marido de Sebastiana falava, com seu bom humor característico, que havia gente que o parava na rua para perguntar *coisas espíritas*: “o povo me para na rua pra perguntar sobre espírita, mas tem é que vir aqui em casa pra conversar disso”. Tonho atualmente é aposentado pela prefeitura, tendo trabalhado no cemitério municipal. Também é conhecido por seus atributos religiosos como benzedor, raizeiro, dentre outros.

Como vimos, as sessões de umbanda na comunidade se caracterizam por serem mais voltadas aos comunitários quilombolas, apesar de receberem quem lá chegar. Atualmente, as sessões não são anunciadas e, por vezes são até fechadas, participando somente os familiares e pessoas mais próximas. Tiana e Tonho alegam que já estão cansados, pois atenderam com sessões abertas durante muitos anos. Tinham até uma placa com o nome “Centro Espírita Mártir São Sebastião”. Com pouco mais de três anos frequentando a comunidade em visitas esporádicas, pude presenciar apenas duas sessões de umbanda no centro.

⁹ Sebastiana e alguns comunitários assim chamam as sessões que fazem em seu terreiro, ou simplesmente de sessões. Este se localiza dentro de sua casa, e é chamado de “centro”. Por uma questão estratégica de resistência e autopreservação, é importante pontuar que muitos terreiros de umbanda em Minas Gerais são chamados de “centro espírita”, devido à forte repressão às religiões de matriz africana de algumas décadas atrás, e que continua presente até os dias atuais.

¹⁰ Todas as fotografias são de minha autoria.

Tentei por algumas vezes agendar algumas visitas que coincidissem com as sessões, porém havia outro fator que influenciava a inconstância das mesmas: as festas de Congado, das quais a comunidade sempre participava.

O congado trata-se de uma festa religiosa que celebra Nossa Senhora do Rosário, santos negros como São Benedito e Santa Efigênia e outros como Nossa Senhora das Mercês. Ele acontece predominantemente em Minas Gerais e é parte do quadro das festividades do chamado catolicismo popular no estado, que abordarei mais a fundo nos próximos capítulos. Como coloca o antropólogo Rubens Alves da Silva (2010), o Congado é tido como o mais acentuado traço da cultura afro-brasileira em Minas Gerais, como forma de resistência dos negros desde o período colonial.

O congado é formado por diferentes grupos que cantam e dançam ao som de tambores e outros instrumentos típicos. Discutirei também esses grupos mais a fundo nas próximas páginas, sendo que vou me ater aqui a um desses grupos para me referir à comunidade: o massambique.

O grupo de massambique¹¹ São Benedito, da comunidade da Tabatinga é bastante conhecida em Bom Despacho e região, participando de festas em várias localidades. Entretanto, Dona Sebastiana separa de modo bastante nítido o momento de trabalhar com umbanda e os dias de congado. Através do reinado, Sebastiana e os quilombolas de Tabatinga conseguem se projetar de modo mais eficiente nos meios políticos e sociais do município. Como disse, o reinado possui uma centralidade nas ações e estratégias de ocupação dos espaços sociais. Numa ocasião em dia de festa, quando alguém a solicitou para tratar de coisas relativas à umbanda, a matriarca foi bem pontual ao dizer “hoje é dia de Reinado, esses assuntos é pra outro dia”.

Ainda em 2014, mais precisamente em setembro, num nova ida a campo pude pela primeira vez presenciar a guarda de massambique da comunidade. Era começo da noite quando entramos num ônibus a caminho do local da festa. Pela primeira vez vejo os comunitários vestido de branco com seus rosários cruzados no peito, instrumentos em mãos para *balancear*¹². A ocasião era o encerramento da festa de Reinado em Engenho Ribeiro, distrito de Bom Despacho, com uma missa conga¹³, alguns devotos dando café para os

¹¹ Há uma variação entre Moçambique e Massambique (termo kinbundu, do grupo linguístico banto). Sendo um termo êmico, assim pronunciado por meus interlocutores, utilizarei Massambique.

¹² Expressão muito usada por Sebastiana para se referir à dançar no congado.

¹³ “Essa missa põe em diálogo a liturgia da igreja católica e a religiosidade popular. As guardas se preparam para entrar na igreja e o passado – tão presente – traz à lembrança as portas do templo, sempre fechadas aos fiéis de pele negra. O capitão da guarda faz o lamento (...) cessando o lamento a voz de outro capitão, faz se forte e clara, lembra que a igreja é de Deus e que a missa será celebrada pelo Rei Eterno (...). O canto acompanha a porta que

congadeiros e ao final a descida dos mastros erguidos na porta da igreja¹⁴. A primeira vez que se ouve o soar dos tambores e demais instrumentos é marcante. Assim que entramos no ônibus, às primeiras batidas me senti como se os sons ressoassem dentro de mim. Ao ouvir as letras das toadas, elas eram tocantes a ponto de me levar a me distrair com o resto dos detalhes do momento. Todo esse conjunto de sensações que senti no reinado naquele instante, contagiado pelos cantos, instrumentos e toda a subjetividade que é estar num massambique, juntamente com as questões relativas à umbanda que relatei acima, decididamente direcionou minha pesquisa aos encantos e mistérios do Reinado.

Na minha região, no Campos das Vertentes, na cidade de Bom Sucesso, festas de congado são bastante comuns. Entretanto, essa visita ao Engenho Ribeiro foi minha primeira experiência num congado, depois de alguns lampejos de memória de infância. Vivenciar aquele momento me despertou sensações e emoções novas (talvez não tão novas assim), nas quais eu quis me aprofundar, tanto acadêmica quanto pessoalmente. A partir desse evento, estreitei meus laços com o pessoal da Tabatinga, acompanhando os membros da comunidade em diversos eventos religiosos, como as festa do Reinado, e também em eventos culturais, como o Canjerê¹⁵ e outros.

Por outro lado, e não menos importante, os Carrapatos de Tabatinga têm estado presentes em vários momentos que dizem respeito à luta quilombola no estado e no Brasil. Sua militância é sempre destaque nos cenários relativos à causa. As filhas de Dona Sebastiana, sobretudo Sandra, estão entre as fundadoras da Federação das Comunidades Quilombolas do Estado de Minas Gerais; a N'Golo. Sandra e suas irmãs Graça e Tânia também são membras da Coordenação Nacional das Comunidades Negras Rurais Quilombolas, a CONAQ. Deste modo, estas mulheres são uma referência da luta quilombola.

se abre, par a par, para a entrada dos negros: simbolicamente, os escravos penetram primeiro. Entram o reino coroadado, as guardas e o povo. Os primeiros bancos da igreja são ocupados pela corte e autoridades, a guarda de Congo à direita do altar e a guarda de Moçambique à esquerda. Segue a liturgia da igreja católica, sendo que os cantos das guardas pontuam os momentos: Evangelho, Ofertório, Saudação entre os fiéis, Comunhão e Encerramento”. Disponível em: http://www.unicamp.br/folclore/folc6/missa_conga.html. Acesso em 15 jun. 2018.

¹⁴ Os mastros são geralmente de madeira onde são hasteadas bandeiras dos principais santos da festa. São um indicativo dos tempos de festa do congado, sendo levantados dias antes da festa e baixados ao final das celebrações. Entrarei em maiores detalhes sobre esta questão nas próximas páginas.

¹⁵ Evento de cultura quilombola que abordarei com mais detalhes posteriormente.

Figura 2- Abertura do Festival Canjerê 2015: Sandra pela Federação N'golo, à esquerda e Mãe Tiana com Dárdara e Gabriel.



Em novembro de 2015, aconteceu em Belo Horizonte o 1º Festival Canjerê de Cultura Quilombola, com a participação de aproximadamente 60 comunidades provenientes de 27 municípios de Minas Gerais. Realizado no espaço da Fundação Nacional de Artes – Funarte, o evento teve como abertura a subida de mastro realizada pelos quilombolas de Tabatinga e um discurso acalorado de Mãe Tiana sobre o espaço que o negro vem conquistando com muita luta.

Além desse evento, do qual tratarei mais a fundo no decorrer do texto, e da sua participação na disciplina Saberes Tradicionais em 2014, mencionada anteriormente, os Carrapatos de Tabatinga participaram também da exibição do documentário *Eu Vim de Muito Longe*, em novembro de 2016 no espaço Centro e Quatro, localizado no centro de Belo Horizonte. Este filme traz o registro da disciplina de Artes e Ofícios dos Saberes Transversais de 2014 e foi comentado por Dona Tiana, entre outros mestres e mestras convidados. Também participaram da festa Tambor Mineiro, promovida pelo artista Maurício Tizumba¹⁶. Este evento aconteceu em julho de 2016 em frente à Associação Cultural Tambor Mineiro, na rua Ituiutaba no bairro Prado (Belo Horizonte), e foi uma celebração da cultura afro, com guardas de congado, comida típica e demais elementos da cultura negra no Brasil e no estado de Minas Gerais. Já no dia 20 de novembro de 2016, no icônico Quilombo dos Palmares,

¹⁶ Artista musical mineiro, com influências do congado.

alguns integrantes do quilombo de Carrapatos de Tabatinga participaram de um evento em comemoração a Zumbi dos Palmares e à cultura afro-brasileira, enquanto resistência desde os tempos coloniais. Entrarei em maiores detalhes sobre esses eventos posteriormente.

Diante desse protagonismo, visível em todos os espaços que ocupam os Carrapatos de Tabatinga, percebo que o fazer-se quilombola nesta comunidade perpassa pela religiosidade e pela luta política, quase que de modo indissociável. Os integrantes dessa comunidade, em espaços políticos sempre fazem menção à sua espiritualidade, também não deixando de manifestar sua posição política enquanto quilombolas em momentos de religiosidade, como a festa de reinado. Situa-se aí meu foco nesse texto e na minha pesquisa: a resistência política e religiosa dos Carrapatos de Tabatinga. São inúmeras as possibilidades de análise e estudo acerca do quilombo, tanto na antropologia como em outras áreas do saber. Essa riqueza pode ser traduzidos pelos inúmeros trabalhos já realizados na comunidade, com destaque à dissertação de mestrado da colega de campo Ana Carolina Araújo Fernandes (2017) dentre outros¹⁷.

A partir da primeira ida à comunidade no início de 2014, continuo fazendo visitas regulares à Tabatinga, motivado por um grande interesse pelo universo congadeiro, quilombola, e pelo caloroso acolhimento que sempre recebo lá, de Dona Sebastiana, Pai Tonho e todos outros comunitários. Desse modo, os relatos que aqui sistematizo são decorrentes dessas visitas que venho realizando ao longo desse período. Nessas ocasiões, participei/particioo de festas de Reinado, de eventos quilombolas ou simplesmente converso com as pessoas da comunidade e convivo com seu cotidiano. No decorrer desses quatro anos foram muitas conversas, percepções e aprendizados, enquanto pessoa e na minha formação profissional. Tendo em vista o tempo de convivência com a comunidade e o acúmulo de um rico material de campo, optei por valorizar minha experiência de pesquisa, que norteia a condução do meu texto. Neste sentido, este texto não pretende colocar em primeiro plano o diálogo com trabalhos de outros antropólogos ou de estudiosos de religião afro-brasileira e quilombos, o que teria como resultado discussões e reflexões mais teóricas. Pelo contrário, como apontei acima, considero importante valorizar minha experiência ou trajetória e todo material que levantei desde 2014, levando em conta que uma pesquisa de campo longa é algo pouco comum na graduação.¹⁸

¹⁷ Dentre os vários trabalhos concluídos com base em pesquisas realizadas nessa comunidade, encontram-se os de Costa (2017), Sgoti (2016) e Moreira (2016). Além desses, há outras pesquisas em andamentos.

¹⁸ Uma exceção, porém, são as primeiras seções do segundo capítulo, onde discuto o conceito de quilombo e suas ressignificações.

O fazer-se quilombola para os comunitários de Tabatinga transita pela ação política e pelo exercício da fé. Para eles, essas duas esferas da vida são imanentes. A ação política marca desde sempre a comunidade de Tabatinga, sob a inspiração de sua matriarca, notável líder religiosa e política, até os mais jovens. Então, é tomando esse trânsito entre vida política e espiritual como um norte que guio esse trabalho, afim de tangenciar como se dá o protagonismo e resistência no quilombo da Tabatinga.

1.1 Outros caminhos em paralelo

Depois de ir junto com a comunidade e seu massambique à festa de Reinado de Engenho Ribeiro, em setembro de 2014, decidi acompanhar mais de perto também as festas de Reinado da minha cidade, Bom Sucesso. Fiz então um breve contato com a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário responsável pela festa de lá e fui conhecendo de forma mais próxima seus membros. Ainda nesse ano de 2014 acompanhei a festa. Esta experiência contribuiu para aumentar meu interesse por esse universo, e senti novamente o mesmo entusiasmo que tive com o Massambique de São Benedito de Bom Despacho.

Já entrando no ano de 2015, me matriculei numa segunda disciplina da Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG, intitulada *Injira de Ingoma*. Essa teve como temática as línguas e dialetos banto e os cantos de congado, numa aula mais dinâmica e prática. Teve como parceiras as professoras Leda Martins e Sônia Queiroz, da Faculdade de Letras da UFMG. Foi ministrada pelos capitães Jorge dos Santos e Bengala, respectivamente das guardas de Massambique e Congo da comunidade quilombola dos Arturos, em Contagem. Pelo mestre capitão Expedito da Luz Ferreira¹⁹, da Irmandade do Jatobá, e pelo capitão Júlio Antônio Filho, conhecido como capitão Julinho, da comunidade de Fagundes. Contou também com alguns mestres que falam a chamada *Língua da Tabatinga*²⁰, de Bom Despacho.

Mais uma vez foi uma disciplina muito proveitosa, com muitos cantos, toques e aprendizados com esses mestres, que fez com que eu me aproximasse ainda mais do universo do congado. Capitão Julinho me falou que Fagundes faz parte da cidade de Santo Antônio do Amparo, cidade vizinha a Bom Sucesso. Então prosseguindo a conversa menciono meus avós maternos que vieram de povoados vizinhos àquela localidade e mais uma vez tenho a impressão que meu direcionamento por esses caminhos do Rosário não são mero acaso.

¹⁹ Capitão Expedito veio a falecer no dia 27 de abril de 2018, acarretando numa grande perda para o congado mineiro.

²⁰ A pesquisadora Sônia Queiroz aprofunda mais nesse dialeto da Tabatinga em sua obra *Pé preto no barro branco: a língua dos negros da Tabatinga* (1998).

Capitão Julinho, segundo ele, foi vizinho de quintal de minha avó materna, no povoado chamado Baliza, também distrito de Santo Antônio do Amparo. Ele conta que conheceu meu bisavô materno, Godofredo Arriel, e também parte da família de minha avó. Entusiasmado por tantas coincidências, fui em setembro de 2015 na festa de Reinado da comunidade de Fagundes. A festa se estendeu por quatro dias, com a presença predominante de várias guardas de massambique da região. Os festeiros e visitantes são muito bem acolhidos pelos moradores do povoado, que veem em Seu Julinho uma figura de liderança.

Em suma, ao longo do período de graduação, foram várias as situações que me traziam alguma referência ao congado. Desse modo, comecei a tecer uma rede de contatos com várias irmandades da região de Bom Sucesso, Santo Antônio do Amparo e comunidades locais, no que percebo como um circuito congadeiro desta região. Esse circuito é formado por várias irmandades de localidades próximas que constroem de modo coletivo as festas da região. As festas ali são em datas diferentes para que todas as irmandades possam ser anfitriãs e receberem as demais. Essas redes de contatos que as irmandades estabelecem, mais do que a presença nos dias das festas, são redes de apoio e ajuda de várias sortes, remetendo à uma reciprocidade.

Converso com a guarda de vilão (um dos grupos de congado) da comunidade da Guarita, vizinha à Fagundes. Meu avô materno é nascido na Guarita e os congadeiros de lá conhecem também alguns de meus familiares. Minhas tias e tios maternos vez ou outra trabalham voluntariamente na preparação de andores de santo para determinadas festas religiosas, e uma delas é a festa de Nossa Senhora da Aparecida, realizada na Guarita todo dia 12 de outubro. No final de novembro de 2015 fechei o ano e o ciclo do Rosário com o Reinado na Guarita.

Figura 5- Festa de congado no povoado Guarita.



Além desses grupos, também estabeleci contato com a Guarda de Ibituruna, município localizado a aproximadamente 20 km de Bom Sucesso; e com a Irmandade dos Nonatos, de Pará de Minas. Tive contato com esta última nas festas de Bom Despacho, pois seus integrantes são sobrinhos de Dona Sebastiana e, eventualmente, acompanham as festas de lá. Em contrapartida, a guarda da Tabatinga os prestigia na festa do Rosário de Pará de Minas.

Desde então eu transito por essa rede de contatos e de festas do Rosário, situada na região de Campo das Vertentes em Minas, percorrendo esse circuito com olhares atentos às práticas do reinado. Esta experiência tem me permitido conhecer mais o Congado, numa região em que as festas se apresentam sob uma configuração levemente distinta das festas do circuito metropolitano, seja pelas vestimentas ou por particularidades que remetem às características interioranas e a seu modo de lidar com o religioso. Permite-me também estabelecer alguns pontos pertinentes ao discurso de Mãe Tiana, que reivindica o posto de primeira capitã de massambique de Minas Gerais. Naquela região do interior do estado, boa parte dos massambiques são compostos somente por homens.

1.2 A fotografia no trabalho de campo

Durante todo esse período em que estive com a comunidade da Tabatinga, procurei documentar minhas visitas por meios audiovisuais, sendo esses registros acompanhados por eventuais anotações manuscritas. A decisão de usar a fotografia não foi algo planejado, mas ocorreu de modo espontâneo e correspondeu satisfatoriamente à intenção de captar detalhes e nuances que, acredito eu, permeiam esse universo tão cheio de mistérios que é o congado. De modo algum digo que toda essa riqueza do congado esteja apreendida em fotografias, nem tampouco considero que elas seriam suficientes para compreender a subjetividade dessa manifestação popular religiosa, sendo que a percepção de tal evento implica na presença e na experiência física imediata. Como coloca Soilo (2012, p. 78):

A utilização da fotografia não pode ser encarada com objetividade, como a verdade sobre um fato possível de ser retratado pelas lentes mecânicas pois, a subjetividade é inerente à foto desde seu planejamento pelo fotógrafo, ou por quem o contrata, até seu destino final que é a interpretação do receptor, a pessoa que observa a fotografia. A cultura de quem a produz e de quem a observa está intimamente relacionada nesta produção imagética, evitando a característica objetiva e positivista muitas vezes depositada à fotografia.

Nas festas de congado, a dinâmica do contexto traz detalhes ligados a uma sutileza, presente especialmente em alguns momentos da festa, e que podem passar despercebidos.

Dentre esses, posso citar certas saudações, movimentos específicos, cantos, ou simples gestos que carregam um significado crucial para o momento, mas se diluem na trama aos olhares mais despercebidos.

Acerca da complexidade e sensibilidade que envolve o congado, Léa Freitas Perez (2014) faz ponderações introdutórias em sua obra *Variações sobre o Reinado*. Para a autora, tal evento (congado) não deve ser abordado de modo que possa ser passível de dedução, análise ou demonstração. “As epifanias de Nossa Senhora e seus mistérios se apresentam em cenas que se contam a si mesmas. O real aqui são os mistérios” (Perez, 2014, p. 14). Para a autora, o texto etnográfico se configuram simplesmente como variações desse mistério, senão o próprio.

Essas imagens e registros que venho fazendo me permitiram, num momento posterior às experiências em campo, assistir e rever acontecimentos de modo a me atentar a esses pormenores e que, muitas vezes, são de suma importância. Como abordou Campos (1996), essa análise posterior possibilita trazer à tona fragmentos de um tempo passado que se reconfigura no presente, contribuindo para diferentes processos de construção identitária, sobretudo através da comparação de registros, apesar de, como vimos, esses serem enviesados pelos olhos de seus autores. Esse enviesamento é uma transcrição da visão de mundo do próprio fotógrafo que, segundo Kossoy (*apud* Soilo 2012) se fará presente na fotografia independente do assunto a ser registrado pelas lentes.

Há também alguns momentos que fazem parte dos ritos da festa que não são explícitos para os festeiros, sobretudo para quem acompanha os momentos que acontecem nas ruas. O que o povo vê na festa não corresponde à sua totalidade, sendo que o Reinado é feito antes mesmo do levantamento do mastro de aviso, que, como vimos, segundo os congadeiros representa um marco indicativo de que o tempo da festa está aberto.

Tanto nos contextos religiosos como nos contextos políticos quilombolas, lançar mão dos recursos audiovisuais traz um outro olhar à figura do pesquisador, que pode passar a ser visto como mais do que “um sujeito de fora que vem aqui pra fazer perguntas e ver a gente dançar”. Rubens Alves da Silva (2010) em sua experiência no congado de Dores do Indaiá fala sobre sua passagem pela invisibilidade em campo (fase de espectro de Geertz) que mencionei acima, quando tentava se aproximar do pessoal da guarda. O autor conta como seus retratos contribuíram para sua inserção no campo ao mesmo tempo em que foram compondo as paredes da sede da irmandade. Quando ele assumiu o posto de “retratista” passou a ter maior acolhimento por parte dos congadeiros. Com o tempo, também fui sendo visto sob esse aspecto. Numa das apresentações de reinado, enquanto acompanhava o

massambique numa visita, Pai Tonho com seu sempre bom humor dizia “arreda aí gente, deixa a ‘reportagem’ passar”, ao solicitar aos membros do terno que abrissem espaço para que eu pudesse fotografar.

Os registros audiovisuais também podem ser usados como ferramentas facilitadoras no desenvolvimento do tema junto aos interlocutores da pesquisa. Por exemplo, vez ou outra eu sentava com Mãe Tiana e Pai Tonho para mostrar-lhes gravações que fazia em outros reinados e em outros congados. Eles iam comentando as filmagens e me explicando coisas que talvez não teria oportunidade de apreender enquanto estivesse fazendo o registro deles. Dessa forma foi-se criando maior afinidade e familiaridade com a temática.

Os registros imagéticos eventualmente podem ser tidos como importantes para a comunidade em questão, podendo contribuir para produzir visibilidade, uma vez que “o alcance dos registros através de imagens não tem limites, por avançar as barreiras do tempo” (COSTA, 2016, p. 283). Essa visibilidade muitas vezes é bem vinda enquanto estratégia política. Dona Sebastiana tem um documentário de caráter biográfico, *A filha de São Sebastião (A FILHA, 2014)*, e participou do filme *Dandarás, a força da mulher quilombola (DANDARAS, 2015)*, ambos de domínio público disponíveis na *internet*, além do documentário *Eu venho de longe* que mencionei anteriormente, sobre a disciplina de Artes e ofícios dos Saberes Transversais na UFMG, em 2014. Aconteceu também nos meses de julho e agosto de 2017 uma exposição fotográfica sobre a Marcha das Mulheres Negras em Brasília²¹, realizada em 18 de novembro de 2015 e que expressava um movimento de caráter nacional das mulheres negras em luta contra o racismo e a violência que acomete a população negra e pobre, e sobretudo as mulheres. As mulheres do quilombo Carrapatos de Tabatinga marcharam em Brasília nesse encontro, marcando presença como de costume nos eventos e na militância do negro. Como veremos, Dona Tiana exalta sempre em suas falas a visibilidade do negro e os espaços que vem sendo conquistados por esse povo ao longo dos tempos, sempre com muita luta.

De meu trabalho enquanto retratista do grupo, uma fotografia dos Carrapatos ilustraram a exposição do *Colloque France-Brésil em Miroir: reflets et réflexion d'une anthropologie contemporaine*, que aconteceu de outubro a novembro de 2017, no Museu du Crous, em Paris. Também ilustraram o dossiê “Cultura Popular, Patrimônio e Performance”, da revista de Antropologia do Centro-Oeste (MACHADO, 2017).

²¹ Também idealizada pela Ana Carolina Araújo Fernandes.

Figura 4 – Retour à la maison, mission accomplie.



Fonte: Colloque France-Brésil (2017)

A religiosidade e os eventos políticos são atualmente as principais atividades de luta e militância a que os quilombolas de Tabatinga se dedicam. Esses dois momentos são tomados como intrínsecos para o exercício de fazer-se um quilombola “carrapato de Tabatinga”. Essas lutas se dão há muito tempo. A maioria dos comunitários, familiares próximos de Sebastiana, são “iniciados no sagrado”, seja na umbanda ou no congado, participando dos momentos religiosos dessas práticas. Também nas pautas quilombolas, todos estão inseridos politicamente nos diversos eventos relativos ao tema. Desse modo, os Carrapatos de Tabatinga ocupam diferentes espaços, tanto em Bom Despacho quanto em Belo Horizonte e em demais cidades, no que se refere às festas de congado e também aos cenários políticos quilombolas. A ocupação desses espaços por eles pode ser vista em parte como forma de resistência e reconhecimento de suas tradições assim como de seus direitos. Também pode ser vista como uma forma de afirmação pública de sua condição quilombola e congadeira. É através dessa construção e da ocupação desses espaços políticos por parte dos membros dos integrantes dessa comunidade que procuro ajustar o norte desse trabalho, a fim de apreender como se dá a resistência que faz os quilombolas Carrapatos da Tabatinga.

2 QUESTÕES QUILOMBOLAS

2.1 Discussões atuais sobre quilombos

O estado de Minas Gerais é conhecido e exaltado por sua diversidade geofísica e cultural, que culmina em diferentes modos de vida e tipos organização social. Dentre essa diversidade, os quilombos constituem grupos específicos com trajetórias e visões de mundo próprias.

É estabelecido pelo art. 2º do Decreto Nº 4.887, de 20 de novembro de 2003²² que:

Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnicos-raciais, segundo critérios e auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.

Estima-se, segundo dados do Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva²³ (CEDEFES), um total de 400 comunidades quilombolas no estado de Minas Gerais, espalhadas por mais de 155 municípios, entre quilombos rurais e urbanos²⁴. Esses números representam a resistência ao regime escravista, sobretudo durante o ciclo do ouro no século XVIII. Já segundo a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas²⁵ (CONAQ), que é uma organização de âmbito nacional sem fins lucrativos, há no Brasil cerca de 2847 comunidades quilombolas certificadas, sendo 375 na região sudeste e 204 em terras mineiras. Essa certificação, emitida pela Fundação Cultural Palmares, constitui um atestado de reconhecimento formal dessas comunidades pelo Estado.

No entanto, a existência de um quilombo não deve ser atrelada ao reconhecimento formal do Estado. Como veremos, depois da abolição o termo atravessou um século carregando o significado que lhe atribuíram ainda no século XVII. A escravidão teve fim enquanto um sistema político-econômico, mas as condições de vida as quais eram submetidos os negros muito pouco mudou. Mudaram a legislação, mas o teor criminalizante de “quilombo” perdurou até a Constituição de 1988.

Voltando ao histórico, o termo “quilombo” foi usado para enquadrar negros escravizados foragidos durante a vigência da escravidão. Muito presente no discurso político

²² http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm

²³ <http://www.cedefes.org.br/>

²⁴ Em algumas situações, os quilombos rurais se tornam urbanos devido ao avanço da malha urbana em sua direção, cercando e configurando-os enquanto bairros.

²⁵ <http://conaq.org.br>

de Sebastiana e comunitários de Tabatinga, tal termo teve seu significado alterado e ressignificado ao longo dos anos, sendo hoje uma categoria política e um sinônimo de resistência e luta. Portanto, atualmente o termo não deve ser entendido pela mesma ótica que valia para os quilombos no período escravocrata no Brasil²⁶. Vale ressaltar que, tanto os quilombos do período escravocrata como os quilombos contemporâneos, são formas de resistência à escravidão e toda e qualquer subordinação.

Embora o atual conceito de quilombo date de 1988, Sebastiana já fazia valer o significado de resistência e luta do negro na sociedade em sua própria história de vida, quando batalhou para conseguir seus espaços, seja no mercado de trabalho, na política ou nas esferas religiosas por onde passou. Esses valores foram introjetados por ela em seu povo décadas antes de quilombo ser ressignificado nos documentos oficiais, deixando de ter uma conotação negativa e mesmo de ser entendido dessa forma por parte dos Carrapatos. De certa forma, a luta de todos os quilombos contemporâneos compartilha desse fato com os Carrapatos de Tabatinga, denunciando um atraso e alheação para com essas comunidades por parte do Estado, sobretudo na reparação aos danos causados pela diáspora e condições de vida às quais os negros escravizados foram submetidos aqui no Brasil.

A conotação atual do termo está ligada à ideia de comunidades negras “remanescentes” de quilombo. Entretanto, esta concepção também tem alguns problemas. Um desses problemas é que o próprio adjetivo “remanescente” sugere uma ligação à um passado escravagista que não necessariamente ocorreu, como veremos a seguir. Outro problema está em uma tendência a homogeneizar as comunidades, suas demandas e trajetórias de vida. Segundo a analista pericial em Antropologia Míriam de Fátima Chagas (2001), os estudos antropológicos feitos a partir do conceito de quilombo apontaram para um descompasso da ideia de remanescentes com o pleito dos grupos atuais. Segundo a autora, a noção de territorialidade negra²⁷ foi o conceito antropológico usado para confrontar algumas interpretações que colocavam a realidade das várias comunidades como homogêneas. Com isso, há também uma tendência em essencializá-las e tornar seu conteúdo genérico. Os problemas dessa abordagem são evidentes, pois cada comunidade possui idiosincrasias que as tornam únicas, assim como seus pleitos também possuem suas particularidades.

No que se refere ao conceito de territorialidade, Aderval Costa Filho (2016) destaca que as relações que tais grupos estabelecem com as áreas ocupadas e seus recursos, resultam

²⁶ Abordarei mais adiante o termo quilombo no contexto escravocrata no Brasil.

²⁷ Este conceito empregado por Chagas (2001) foi proposto pela antropóloga Ilka Boaventura Leite em seu livro *Negros no sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade* (1996).

numa territorialidade etnicamente configurada. Entretanto, o autor ainda chama atenção para o fato que as comunidades quilombolas são historicamente excluídas não somente por condições etnicorraciais, mas pelo acesso as terras por eles ocupadas tradicionalmente. Em grande parte, essa restrição ao acesso se dá por parte de grileiros, fazendeiros, pelo próprio Estado e interesses desenvolvimentistas²⁸.

Considero importante o entendimento dessas questões que envolvem a ressignificação do termo, pois vejo como recorrente na fala e discurso dos Carrapatos de Tabatinga uma alusão aos “tempos de cativo”. A luta do negro naquele período é bastante presente na memória do grupo, tal como em contextos religiosos do congado, que tentarei abordar mais adiante.

2.2 Revisitando o termo quilombo

O termo quilombo traz ao longo de sua história uma série de polêmicas, contradições e conquistas, atualmente se mostrando como uma categoria em aberto e como um espaço em disputa. A definição do termo encontra-se em aberto, e quem são os sujeitos que ocupam essa categoria também é tema de discussões e alvo de especulações. Essas especulações se dão no sentido de questionar a legitimidade daqueles que buscam acessar seus direitos. Essas disputas dizem respeito mais do que apenas ao conceito, mas também aos direitos que esta categoria implica, envolvendo diversos atores numa correlação de forças assimétrica. De um lado, protagonistas representantes do movimento quilombola como a CONAQ, o Movimento Negro, bem como as contribuições de antropólogos e outros pesquisadores ligados à causa; de outro, antagonistas como mineradoras e grandes empreendimentos, além de fazendeiros, e muitas vezes o próprio Estado, como por exemplo, em ações preservacionistas através de políticas de implementação de áreas de preservação em sobreposição a territórios que desconsideram as comunidades de povos tradicionais que ali vivem, como mencionei na sessão anterior. Para José Maurício Arruti (2008), essa disputa não se dá no sentido de afirmar ou não a existência dessas formas de organização, mas sim nos termos da abertura desse conceito atual de quilombo e de quais as situações que ele pode abarcar. Para este autor, a definição do termo quilombo deveria contemplar o máximo possível de comunidades, considerando suas especificidades e ao mesmo tempo sem essencializá-las num conceito estanque. Em outras

²⁸ Para o Estado, é justificável os danos causados nestes casos, desde que seja sob o pretexto já conhecido de “progresso em prol da economia e política” (COSTA FILHO, 2016, p. 134)

palavras, o termo deveria amparar o maior número de circunstâncias possíveis de casos reais de comunidades.

Os estudos sobre a temática quilombola começaram a tomar uma dimensão bastante evidente no meio acadêmico a partir de 2005, quando o número de tese e dissertações sobre o tema sobretudo na pós-graduação cresceram²⁹. São abordados nesses trabalhos temas como etnicidade, contexto rural, racial, jurídico e saberes tradicionais. Até meados dos anos 1970, grande parte desses trabalhos traziam discussões mais ligadas a questões raciais (enquanto termo biológico) e aculturação, além dos estudos que eram guiados pela antiga concepção do termo “quilombo”. Esta concepção é baseada na visão histórica que comentamos anteriormente sobre os quilombos e também no Conselho Ultramarino³⁰, que definia como quilombo: “toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões nele”³¹. Muitos autores foram influenciados por esse viés, como pode ser visto nas obras de Edson Carneiro (1953) e Arthur Ramos (1957), onde há uma tendência em ancorar a existência dos quilombos ao período histórico escravista, caracterizando-os como uma contradição daquele sistema (SCHMITT, 2002).

Um pouco antes disso, ainda na década de 1930, a falácia da democracia racial vinha tomando espaço, sobretudo através de um dos seus principais expoentes, Gilberto Freyre, com a chamada tese da “escravidão branda”³². Nas páginas de *Casa Grande e Senzala*³³ (1933), este autor afirma que houve certa “harmonia” ou “amenidade” na relação senhor/escravo aqui no Brasil, diferente do que aconteceu nos EUA. O autor trata a escravidão por um suposto “paternalismo” e um “apadrinhamento branco”, segundo ele comumente encontrado na “casa grande”, principalmente com relação aos escravos domésticos. Freyre chega a dizer que talvez seja preferível o cativo no Brasil do que os maus tratos e as condições de opressão sofridos na África (FREYRE, 1979). Diversas críticas foram feitas a estas ideias, considerando o fato do autor não ter feito pesquisa empírica e ter seu contato restrito à escravidão no Nordeste açucareiro e aos escravos domésticos. Ora, é sabido que a escravidão se estendeu por mais de

²⁹ Dados retirado do projeto de Lucia M. de Lima Padilha e Maria I. M. Nascimento. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada11/artigos/4/artigo_simposio_4_541_lupadilha5@yahoo.com.br.pdf. Acesso em 15 jun. 2018.

³⁰ O Conselho Ultramarino entra em vigor após 1640 enquanto um órgão criado por D. João IV, que tinha autonomia para tratar dos negócios de natureza administrativa e financeira nas terras portuguesas longe do Reino.

³¹ Alvará de 3 de março de 1741, por Joaquim Felício dos Santos em *Memórias do distrito diamantino* (ALMEIDA, 2002)

³² Tese que trata da relação entre o escravo e o senhor no Brasil como sendo mais “benigna” do que em outras partes do mundo

³³ FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. Brasília: UNB, 1963, p.393.

três séculos no Brasil em regiões radicalmente diferentes em termos econômicos e sociais, sendo o contato do autor com a realidade escravista insuficiente para estender sua ideia de modo generalista.

Essa suposta “relação branda” entre senhor e escravo foi desmistificada nos anos 1970 por autores da chamada escola paulista como Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso, Emília Viotti e Octavio Ianni. A perspectiva revisionista desses autores lança mão da tese da “coisificação do escravo”, abordagem que coloca o escravo enquanto submetido à um processo de coisificação ou reificação pelo seu senhor, desprovendo-o de sua humanidade. Outros autores também dão ênfase a essa perspectiva através da resistência negra ao cativo, tendo destaque Clóvis Moura, pioneiro nos estudos sobre rebeldia negra e revoltas baianas na primeira metade do século XIX. Com o processo de coisificação do negro escravizado, juntamente com as constantes revoltas dos cativos, a suposta amenidade defendida por Freyre se torna insustentável.

Voltando à questão das primeiras definições, percebe-se nessas aplicações pioneiras no conceito de quilombo no Brasil colônia que o sentido atribuído era pejorativo, num intuito de criminalizar os quilombolas. Estes, por definição, eram tidos como desertores, rebeldes que se levantavam contra o sistema vigente. Os autores dessa época, ao reproduzirem essa antiga leitura de quilombo, contribuíram para a criminalização dos sujeitos associados ao termo.

No momento dessa primeira conceituação do termo, a intenção era abarcar o maior número possível de situações que acarretariam na formação de quilombo, ou seja, uma tentativa de criminalizar ao máximo o negro. Numa posterior redefinição do termo, ainda no período do Brasil Império, a parte do texto que considerava “toda habitação formada por cinco negros foragidos”, é alterada para apenas três negros. Seguidamente, com a abolição da escravidão em 1888, as populações negras ficaram jogadas à própria sorte, sem o mínimo de políticas públicas voltadas àquela que seria a maior fração da população do país.

As vivências de Sebastiana pelas diversas cidades por que passou com as dificuldades que enfrentou lhe confere uma experiência própria dessa fase, que segundo ela conta, começou desde sua infância. Neste período de sua vida seus pais trabalhavam em fazendas na zona rural de Bom Sucesso, já no começo do século XX. Conta que viu, por muitas vezes, seus pais serem humilhados e trabalharem em situações precárias, tudo isso aliadas à maus tratos por parte dos fazendeiros. A quilombola conta que já se sentia revoltada mesmo sendo criança. Ao longo de sua vida lutou contra a discriminação que via seu povo sofrer, o que corrobora com a ideia de não distinção entre quilombos históricos e atuais, uma vez que a luta

contra subordinação e exploração se dão em ambos, seja por escravidão ou subordinação atual.

Durante um século de luta do Movimento Negro, esse cenário de descaso e marginalização da população negra começou a mudar nos documentos oficiais, como o Art. 68 (ADCT)³⁴ da Constituição de 1988, que garante aos remanescentes dos quilombos o reconhecimento das terras que ocupam, devendo o Estado emitir títulos confirmando tal reconhecimento. Somado a isto, os artigos 215 e 216 da Constituição garantem, respectivamente, que sejam protegidas as manifestações culturais populares, indígenas, afro-brasileiras e de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional; e a proteção através de políticas patrimoniais para os bens materiais e imateriais desses grupos.

Nesse contexto, o termo “remanescente de quilombo” é ressignificado, ganhando uma força semântica que extrapola a conotação de herança do passado escravagista, e adquirindo também o sentido de resistência, sendo tornando bandeira de luta do movimento negro. Nesse ponto, Almeida é bem enfático ao dizer que “tem que haver um deslocamento. Não é discutir o que foi, e sim discutir o que é e como essa autonomia foi sendo construída historicamente” (2002, p. 53). O autor critica a adjetivação “remanescente”, que também desconsidera muitas comunidades que se ergueram por compra de terras por escravos alforriados, ou mesmo negros que adquiriram terras após a abolição e constituíram ali um núcleo de resistência, ou seja, não se originam necessariamente no tempo da escravidão e nem por isso deixam de ser quilombos.

Já Chagas (2001) coloca que a restituição do termo quilombo se dá através do deslocamento da condição de escravos para camponês livre. A fuga (em negação ao sistema escravista e assim relacionado ao período histórico) é um dos modos³⁵ para conseguir essa condição de liberdade. Tornaria-se, portanto, um equívoco considerar apenas a ligação ao passado escravagista e descartar os elementos que permitem a essas comunidades uma organização que lhes garantem um modo de vida próprios e também seu êxito em manter-se enquanto uma categoria em luta nos dias de hoje. A autora afirma:

Ainda é de se notar que, neste caso, a ligação com a história quilombola é restituída enquanto vínculo sociocultural e histórico com um tipo e qualidade de organização social, mais do que um estrito traçado datado de ligações lineares com o passado (CHAGAS, 2001, p. 217).

³⁴ http://www.senado.gov.br/atividade/const/con1988/ADC1988_12.07.2016/art_68_.asp. Acesso em 17 out. 2017.

³⁵ A autora ainda enumera outros modos como herança e negociação com senhores.

Costa Filho (2016) chama atenção para o caráter conformador de espaços de liberdade e território de resistência que os quilombos têm, garantindo assim, em alguma medida, sua liberdade e autonomia na reprodução de suas cosmologias e modo de vida. Para o autor, esses traços se configuram, portanto, em relações de não subordinação.

Sobre os diversos elementos que as comunidades elegem para manterem-se resistentes na luta pela liberdade, Chagas (2001) chama atenção para uma tendência em relacioná-los ao Modelo Palmarino³⁶, e destaca outros atributos que também se fazem valer enquanto resistência, como a religiosidade, parentesco, trabalho familiar na terra. A autora os considera equitativamente modos de luta pela liberdade.

Destaco aqui também que com toda sua sabedoria Sebastiana usa de vários desses atributos para ir conquistando seu espaço na sociedade. A via da religiosidade pode ser considerada sua principal plataforma para visibilizar a cosmologia de seu povo, e também para inserir os Carrapatos na Tabatinga e em Bom Despacho. Desse modo, ela é conhecida no estado sobretudo por seus atributos enquanto sacerdotisa de Umbanda, e também como a primeira capitã de massambique de Minas Gerais.

É interessante observar que Mãe Tiana sempre sentiu e promoveu essa resistência, além de vivenciar um pouco de todos esses momentos que diz respeito às disputas mais recentes em torno da categoria de quilombo no decorrer de sua trajetória. Desde sua árdua infância em Bom Sucesso, incluindo os anos duros vividos em Belo Horizonte e nas demais cidades por onde passou, sempre foi uma combatente pelos direitos dos negros. Viu na certificação de seu próprio grupo enquanto comunidade quilombola a possibilidade de estender sua luta para além de seu alcance físico, tornando uma referência quilombola em Minas Gerais.

2.3 Ressemantizações

De acordo com Arruti (2008), em termos sistemáticos a luta quilombola passa por três momentos principais até chegar no contexto atual. Este autor pontua esses momentos como parte de um contexto mais amplo para uma análise do conceito contemporâneo de quilombo.

O primeiro momento se caracteriza pela ideia de reforçar a existência de uma cultura negra no Brasil. Teve início em 1905, quando Nina Rodrigues inaugura a ideia de quilombo

³⁶ Este modelo se refere aos elementos em que Palmares elegeu para resistência como a luta, isolamento e distanciamento geográfico enquanto estratégia de sobrevivência. Importante lembrar que as comunidades possuem trajetória específica, não sendo essa um único modelo.

enquanto resistência cultural, mas coloca o termo como um “projeto África”, ou uma tentativa de recriar a África no Brasil. Para se compreender o mundo africano, voltava-se para os africanos entre nós³⁷. Buscavam compreender a possibilidade de reprodução do modo de vida africana através dos quilombos, e em que medida operavam enquanto modo de resistência cultural. Artur Ramos (1942) toma os quilombos como fenômeno “contra-aculturativo”, como resposta à desagregação cultural causada pela diáspora e pela servidão forçada. Já Roger Bastide (1973) também associa o termo à resistência, mas não no sentido de reconstituição e sim de continuidade com a África. Percebe-se, nesta fase, que a discussão girava em torno de compreender o modo de vida africano presente no Brasil, tendo as definições de “quilombo” perpassado entre resistência cultural e sobre uma possível reconstrução de África (ARRUTI, 2008).

No segundo momento, a partir dos anos de 1950, quilombo é visto sob uma ótica de resistência de classe, onde sobretudo Palmares servia para se pensar nas “formas potencialmente revolucionárias de resistência popular” (Arruti, 2008, p. 320). Sob uma forte influência de autores marxistas, essa abordagem se consolidaria no meio acadêmico com críticas à suposta democracia racial, dando destaque à agência escrava figurada nos quilombos e sua resistência política. Arruti (2008) enumera outras formas de resistências, como trabalho de má qualidade e o suicídio. Segundo o autor, porém, estas seriam “passivas”, se comparadas às insurreições quilombolas que almejavam livrar-se da ordem dominante opressora e constituir uma nova ordem.

Por fim, o termo quilombo foi descortinado no cenário dos movimentos sociais na efervescência da elaboração da Constituição de 1988. Partiu-se de uma demanda frente à necessidade jurídica de enquadrar essa categoria, tendo em vista a dissonância entre o contexto da época e o aparato jurídico-legal e as definições vigentes, que, como vimos, ainda remetiam aos séculos XVI e XVII. Extrapolando-se do âmbito acadêmico, o conceito de quilombo foi eleito enquanto bandeira de resistência negra, sobretudo pela soma dessas duas perspectivas: a cultural/racial, trazida pelos debates do primeiro plano de ressemantizações, e a política, que apresentava quilombo enquanto luta de classe, discutido pelo segundo plano de ressemantização. Esse movimento resultou na oficialização da data de 20 de novembro como dia da consciência negra, a partir de 1981, e na inserção da temática negra nos livros

³⁷ Percebe-se que a noção de África para Nina Rodrigues tinha a tônica evolucionista quando este se referia aos quilombos como um retorno à “barbárie africana” (Rodrigues, 1977, p.93 *apud* Arruti 2008).

escolares, proposta pelo movimento negro como alternativa ao treze de maio³⁸. Como exemplo dessa terceira fase, Arruti (2008) cita o termo “quilombismo”, de Abdias do Nascimento, que afirma que “quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre solidariedade, convivência, comunhão existencial” (Nascimento, *apud* Arruti 2008).

Apesar da ressignificação do conceito de quilombo e da consequente garantia de direitos, o acesso a esses direitos revela uma outra problemática, possivelmente relacionada com as leituras em torno de do termo “quilombo”. Chagas (2001) destaca:

Nessa direção, faz sentido supor que, muito embora a expressão “remanescentes das comunidades dos quilombos” tenha sido cunhada como categoria jurídica geradora de direitos, esse reconhecimento não suprime a possibilidade de problematizá-la no quadro das dificuldades decorrentes do próprio processo de sua interpretação (CHAGAS, 2001, p. 215).

Além disso, há uma série de estereótipos e conteúdos cristalizados em torno das leituras do termo quilombo e que acabam por prestar um desserviço aos beneficiários dessa categoria. Desse modo, é importante lembrar que esses direitos que têm origem nos processos culturais e sócio-históricos específicos de cada comunidade (CHAGAS, 2010).

Entender tais ressemantizações contribui também para apreender a dinâmica das disputas relacionadas ao o termo quilombo que abordamos aqui. Este debate também ajuda a entendermos a importância de Sebastiana e os quilombolas de Tabatinga, fazendo resistência numa sociedade que ainda respira ares escravocratas e é marcada por um racismo estrutural.

Durante o período pós abolição, quando “quilombola” ainda era usado para criminalizar os negros, Sebastiana como uma visionária já levantava sua bandeira. Devemos ter em mente que era unânime o tom pejorativo da palavra, sendo que muitos negros do começo do século passado não se assumiam enquanto descendente de quilombo. Tiana comenta uma passagem sobre essa auto afirmação que partiu dela.

Sebastiana: Meu povo num gosta não mas eu vou falar. Não, meu povo não... o Tito não gostava, a mãe não gostava de Bom Sucesso... não comentava. Ah mas eu...raiz é raiz né?

Leonardo: O povo não gostava de comentar que era quilombola?

³⁸ Essa alternativa de 20 de novembro em relação ao 13 de maio como data significativa para o negro percorre pelo entendimento de Sebastiana. “Aqui a gente não comemora o 13 de maio não. Que foi que a princesa Isabel fez pro negro?”, argumenta ela, numa das conversas que tivemos. Num dado momento, na festa de Nossa Senhora do Rosário ela canta “Ê princesa Isabel, rainha desta nação, a sua libertação foi uma grande enganação”, fazendo referência às consequências que os negros sofreram na sociedade pós-escravidão.

Sebastiana - Não! (...) Num gostava nem falar que era de Bom Sucesso. Mas eu não... raiz é raiz. O vovô que me explicava da coisa, mas a vovó e a Dinha...nem a mãe. Mas o que tá no sangue né, não nega! O Tito meu irmão, que era jogador do Cruzeiro, ele não gostava muito de falar também não. Eu falava "ah meu filho, nós é descendente de escravo, meu filho"

Essa última frase é forte e significativa no discurso de Sebastiana. A não negação à seu passado também é, a meu ver uma ressignificação que Tiana com toda sua sabedoria faz. Diferentemente de outros membros de sua família ela afirma sua identidade e ancestralidade de diferentes formas e em diversos contextos. Na festa de reinado, como veremos no próximo capítulo, o massambique São Benedito é a única guarda que evoca a memória dos negros escravizados, assim como o sofrimento que tiveram que suportar.

Os quilombolas da comunidade Carrapatos de Tabatinga têm em sua memória coletiva todas as dores da escravidão. Do trabalho compulsório nas fazendas das redondezas de Bom Sucesso que seus pais tiveram que suportar, à migração forçada ao saírem de lá devido às más condições de vida, quando começaram a peregrinar de cidade em cidade devido ao ingresso de seu pai aos trabalhos na ferrovia, como veremos a seguir, até os anos difíceis que passaram em Belo Horizonte e em Bom Despacho, onde lutaram contra preconceito à sua raça, à sua religiosidade e lugar social.

Como veremos adiante, Bom Despacho tem em sua história a assinatura dos negros e quilombolas, graças ao esforço de Sebastiana. Os negros que antes eram marginalizados e excluídos da sociedade bomdespachense hoje orgulham-se de levantar a bandeira quilombola e de assumir sua identidade e sua história.

2.4 O quilombo carrapatos de tabatinga

A comunidade Carrapatos de Tabatinga está situada no município de Bom Despacho, região centro-oeste do estado de Minas Gérias, e localiza-se a 158 km da capital mineira. Trata-se de uma cidade de porte médio, com uma população residente de aproximadamente 50 mil habitantes, sendo que desses 86% são urbanos. Segundo dados do IBGE 201739, 55% da população é branca e 45% negros e pardos. Bom Despacho tem em seu comércio/serviço a parte mais produtiva das atividades econômicas

³⁹ <https://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=310740> acesso em 17 out. 2017.

Figura 5- Ruas da Tabatinga, hoje com nome de Ana Rosa.



A comunidade Carrapatos de Tabatinga está situada no município de Bom Despacho, região centro-oeste do estado de Minas Gérias, e localiza-se a 158 km da capital mineira. Trata-se de uma cidade de porte médio, com uma população residente de aproximadamente 50 mil habitantes, sendo que desses 86% são urbanos. Segundo dados do IBGE 2017⁴⁰, 55% da população é branca e 45% negros e pardos. Bom Despacho tem em seu comércio/serviço a parte mais produtiva das atividades econômicas.

A comunidade quilombola encontra-se no bairro Ana Rosa, que há alguns anos era oficialmente chamado de Tabatinga. Ainda hoje grande parte dos moradores refere-se ao local pelo antigo nome. Segundo conta, há algumas décadas na antiga Tabatinga a população era mais carente, de origem humilde e o bairro concentrava a maior parte da população negra da cidade. Dona Tiana narra que viviam em casas afastadas uma das outras, com estrada de terra e muito mato. Hoje lá é um bairro com infraestrutura, asfaltado e com várias linhas de ônibus. O nome Ana Rosa, ironicamente, é em homenagem à esposa de um dos antigos fazendeiros da região, personagens que historicamente são tidos como antagonistas nas mais variadas disputas que as comunidades quilombolas locais enfrentam. O bairro atualmente conta com 4000 pessoas, é atrelado à malha urbana, não estando mais geograficamente distante da cidade, devido ao crescimento da mesma. A distância social também não existe mais, ou pelo menos não é mais tão marcada, em grande medida graças aos esforços de Sebastiana em promover a inserção do bairro nas políticas do município.

Apesar de sua localização em Bom Despacho, como vimos a comunidade tem suas origens na cidade de Bom Sucesso, situada na micro região Campo das Vertentes, a 205 km ao sul da capital e a 200 km de Bom Despacho. Esta cidade possui cerca de 17 mil habitantes

⁴⁰ <https://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=310740> acesso em 17 out. 2017.

e tem na agropecuária de café e leite suas principais atividades⁴¹. Ali nasceu a matriarca Sebastiana, que viveu com seus ascendentes na localidade ainda hoje chamada de “Carrapatos”, que viria a compor o nome do quilombo em Bom Despacho.

A história do quilombo funde-se com a de sua matriarca Sebastiana. Mãe Tiana, a liderança da comunidade, conta como se deram os difíceis anos de sua família em Bom Sucesso até se mudarem de lá, quando tinha cerca de 15 anos de idade. Posteriormente morou em Belo Horizonte, Juatuba, Oliveira, Juiz de Fora, até se estabelecer em Bom Despacho no princípio dos anos 1970.

Tudo começou após o *1º Encontro das Comunidades Negras e Quilombolas de Minas Gerais*, que foi promovido em 2004 pela Fundação Cultural Palmares e pelo Instituto de Defesa da Cultura Negra e Afrodescendente (Fala Negra). Esses encontros foram realizados visando mobilizar as comunidades para melhor se articularem e se inserirem nas pautas quilombolas. Tendo em vista a necessidade de articulação para manutenção de seus direitos que vinham (e vêm) sendo violados, criou-se no ano seguinte uma Organização Não-Governamental, sem fins lucrativos, que viria a lidar com essas questões: a N’golo – Federação das Comunidades Quilombolas do Estado de Minas Gerais (SILVA, I. 2012?).

Os quilombolas dos Carrapatos, família de Dona Sebastiana, já comunitários da então Tabatinga, participaram tanto do encontro em 2004 quanto da criação da N’golo. Sandra Andrade, filha de Dona Sebastiana, presidiu por dois mandatos a Federação, estando presente nas primeiras participações dos Carrapatos no cenário político quilombola. Maria das Graças e Tânia, ambas também filhas de Tiana, atualmente ocupam as pastas de educação e saúde, respectivamente, pela N’golo.

No ano de 2010 um relatório de caracterização das comunidades quilombolas foi realizado, entre Bom Despacho e Ouro Preto, com o objetivo de fazer um breve estudo sobre essa localidade em virtude da instalação de uma Linha de Transmissão (LT) da empresa Eletrobrás Furnas. O documento envolveu mais outras duas comunidades da região, a Comunidade Quilombola de Ribeirão (Brumadinho – MG) e a Comunidade Quilombola de Coqueiro (Moeda – MG) (SILVA, I. 2012?).

Assim, o quilombo Carrapatos de Tabatinga foi reconhecido e certificado em 6 de dezembro de 2005 pela Fundação Cultural Palmares enquanto um quilombo urbano. Gabriel, um dos meus interlocutores, conta que no início havia mais famílias que faziam parte da

⁴¹ http://www.bomsucesso.mg.gov.br/index_arquivos/dados.htm acesso em 17 out. 2017.

comunidade, como a da Fiota⁴², da Tuca, entre outras; porém os mais velhos foram morrendo e os mais jovens foram se dispersando, de modo que muitas famílias não residem mais lá. Como parte de uma cosmologia e organização social próprias, todos os quilombolas de Tabatinga se consideram uma só família. Cabe aqui dizer que de modo algum a ausência de algumas famílias minou a comunidade ou comprometeu sua atuação na causa. Pelo contrário, desde que recebeu a certificação o grupo vem atuando de modo notório no cenário político quilombola, tanto estadual quanto nacional.

A comunidade tem dois pontos físicos mais estratégicos que se destacam na dinâmica do seu cotidiano: o primeiro é a casa de Dona Sebastiana, onde se encontra também o centro no qual realizam-se as sessões de umbanda. Sua residência tem um portão pequeno, onde ficava a referida placa indicando “Centro Espírita Mártir São Sebastião”. Por fora um grande muro branco com um portão para garagem à direita e um portão menor para pessoas à esquerda. Entrando pelo segundo portão há um quintal e logo à esquerda uma cômodo, uma espécie de quartinho/depósito ao qual só Pai Tonho tem acesso devido a seu posto dentro da espiritualidade; ao lado desse cômodo há uma escada que dá para um sobrado acima, no segundo piso, onde ficam o quarto do casal; e ao lado dessa escada uma cozinha conjugada com uma copa.

No meio do quintal há um barracão onde fica o centro de umbanda. Trata-se de um espaço simples, com algumas janelas à esquerda, no entanto, é a maior área da casa e talvez uma das mais importantes. Nesse centro há várias imagens de santos, preto-velhos, caboclos e outras entidades da umbanda. Há também quadros de entidades e dos antepassados. Próximo às paredes, no centro do barracão, há alguns atabaques usados nas sessões, com alguns bancos e eventualmente tambores do congado.

De frente ao centro há o vistoso cruzeiro das almas⁴³ e mais ao lado uma casinha de exu⁴⁴. Ambos são parte da cosmologia da umbanda e integram os rituais. Ao lado direito do

⁴² Fiota era uma das mais antigas moradoras da Tabatinga. Conta que após a abolição seus pais, semi-libertos e outros ex-escravizados que viviam no distrito de Engenho do Ribeiro, foram parar onde hoje é a Tabatinga, onde vivem até os dias de hoje. Segundo Fiota, sua mãe então coloca o nome de Tabatinga. Fiota participou de seminários promovidos pelo IPHAN, na Câmara Federal, falando o dialeto da Tabatinga. www.senhoradosol.com.br/tabatinga.php#dfiota. Acesso em: 18 out. 2017.

⁴³ Também chamado de Cruz das almas, é encontrado nos cemitérios como ponto de referência para fazer orações e acender velas aos desencarnados. Na umbanda, trata-se de um portal ou campo vibratório relacionado ao orixá Omulu/Obaluaê, senhor das almas e da transmutação. Em terreiros, como no caso do meu campo de pesquisa, o cruzeiro também é conhecido por “Cantinho das almas”, onde é feito os trabalhos e firmamentos dessa determinada finalidade para aquela casa.

⁴⁴ Trata-se de uma casinha de aproximadamente 1,5m de altura com um portãozinho de grade. É uma construção pequena que mede em torno de 1m². Lá são depositadas as ofertas à exu (ou *inxu*, como é popularmente conhecido), senhor mensageiro também relacionado à fertilidade. Segundo Vagner Gonçalves da Silva (2013) a entidade passou por vários processos de demonização já na África, e representa hoje o ponto de aproximação e

centro há um fogão de lenha e um espaço grande no qual ocasionalmente guardam um automóvel. No fundo do terreno, um barracão com dois quartos conjugados que juntamente com o centro foram as primeiras construções a serem concluídas. Esse quartinho que mencionei foi o primeiro aposento de Tiana e Tonho, sendo que hoje abriga visitas, incluindo eu quando estou lá. Ao lado a cozinha funcional da casa. Vez ou outra Dona Sebastiana se refere à sua casa como “meu ranchinho” e conta o custo que foi construir aquilo ali aos poucos

Figura 6- Cruzeiro das almas que fica na porta do centro, na casa de Sebastiana.



De frente ao centro há o vistoso cruzeiro das almas⁴⁵ e mais ao lado uma casinha de exu⁴⁶. Ambos são parte da cosmologia da umbanda e integram os rituais. Ao lado direito do

distanciamento dos principais cultos brasileiros, desde umbandistas e candomblecistas onde são louvados aos cultos evangélicos e católicos, onde muitas vezes essa entidade é vista pejorativamente.

⁴⁵ Também chamado de Cruz das almas, é encontrado nos cemitérios como ponto de referência para fazer orações e acender velas aos desencarnados. Na umbanda, trata-se de um portal ou campo vibratório relacionado ao orixá Omulu/Obaluaê, senhor das almas e da transmutação. Em terreiros, como no caso do meu campo de pesquisa, o cruzeiro também é conhecido por “Cantinho das almas”, onde é feito os trabalhos e firmamentos dessa determinada finalidade para aquela casa.

⁴⁶ Trata-se de uma casinha de aproximadamente 1,5m de altura com um portãozinho de grade. É uma construção pequena que mede em torno de 1m². Lá são depositadas as ofertas à exu (ou *inxu*, como é popularmente conhecido), senhor mensageiro também relacionado à fertilidade. Segundo Vagner Gonçalves da Silva (2013) a entidade passou por vários processos de demonização já na África, e representa hoje o ponto de aproximação e

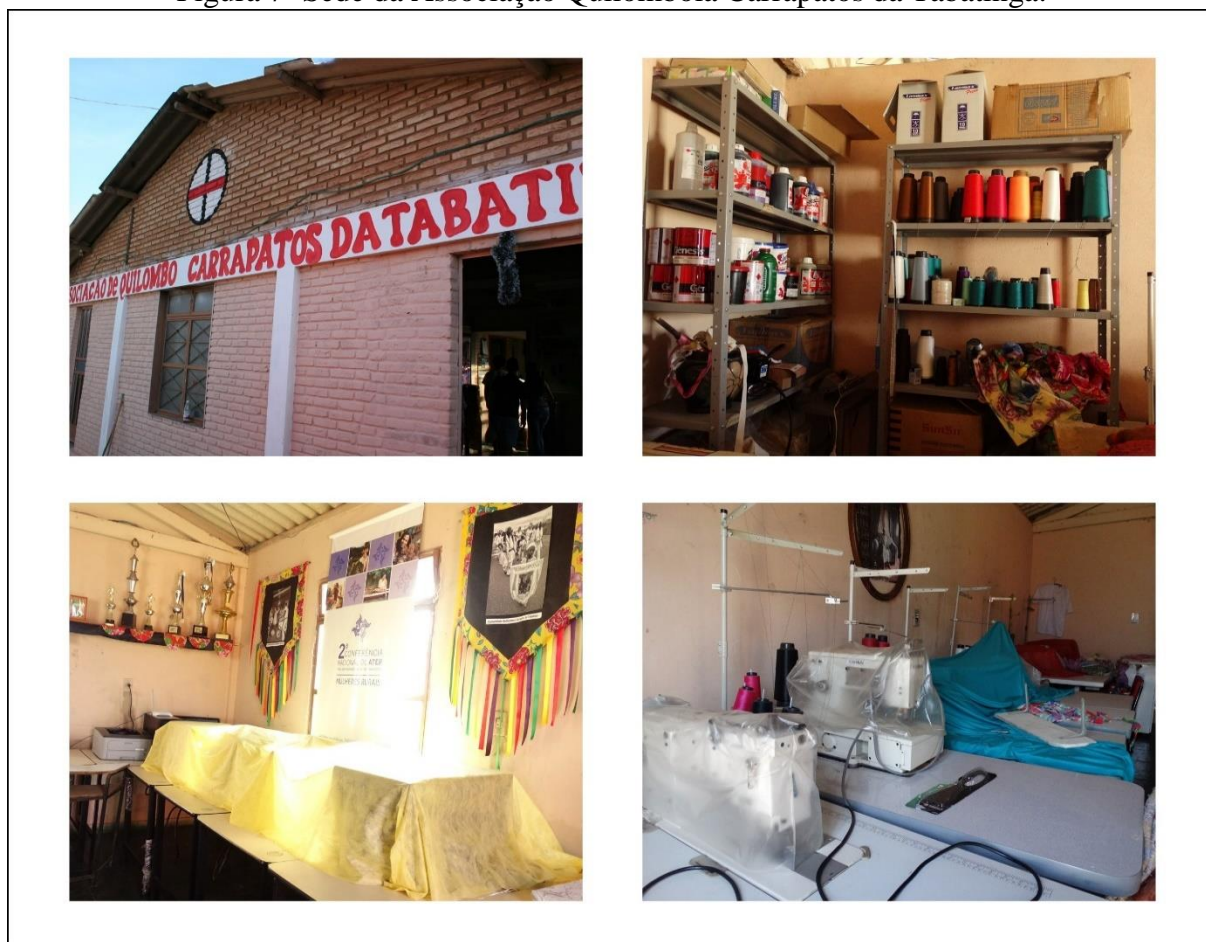
centro há um fogão de lenha e um espaço grande no qual ocasionalmente guardam um automóvel. No fundo do terreno, um barracão com dois quartos conjugados que juntamente com o centro foram as primeiras construções a serem concluídas. Esse quartinho que mencionei foi o primeiro aposento de Tiana e Tonho, sendo que hoje abriga visitas, incluindo eu quando estou lá. Ao lado a cozinha funcional da casa. Vez ou outra Dona Sebastiana se refere à sua casa como “meu ranchinho” e conta o custo que foi construir aquilo ali aos poucos.

O outro espaço importante para a comunidade é uma antiga creche, situada algumas ruas acima da casa de Dona Sebastiana. Esta pode ser considerada a primeira grande conquista de Sebastiana na comunidade. Tiana conta que, nos primeiros anos que morou na Tabatinga, quando as ruas ainda eram de terra e “barro branco”, não havia assistência e política pública nenhuma voltada para os que lá moravam. Então, já com sua veia de liderança e justiça, brigou no poder público local, exigindo serviços e apoios como uma quadra, creche e demais assistências para os negros da Tabatinga. Conseguiu a creche e participou de sua inauguração na década de 1980. Vez ou outra ainda é chamada de creche, mas funciona atualmente como sede da Associação Quilombola, sendo usada para eventos em geral, oficinas de dança, reuniões e palestras de várias ordens. Alguns comunitários moram lá, como Sandra, junto com Ana Luísa, sua filha e Gabriel, um de meus interlocutores. Lá ficam guardados instrumentos de escola de samba, tambores, máquinas de silk, máquinas de costura e uma série de ferramentas e instrumentos usados pela comunidade. A sede tem um grande espaço cimentado como um quintal, uma cozinha isolada de um lado, e, do outro, um galpão com alguns quartos na parte de baixo e várias coisas armazenadas na parte de cima.

Entre esses dois pontos mora Tânia, que além de suas funções na Federação Quilombola trabalha também como costureira. A outra filha de Tiana Maria das Graças também mora ali por perto e fica igualmente dividida entre suas tarefas na N’golo e seu trabalho na Secretaria da Cultura da prefeitura municipal de Bom Despacho.

distanciamento dos principais cultos brasileiros, desde umbandistas e candomblecistas onde são louvados aos cultos evangélicos e católicos, onde muitas vezes essa entidade é vista pejorativamente.

Figura 7- Sede da Associação Quilombola Carrapatos da Tabatinga.



Desse modo, a Comunidade de Tabatinga encontra-se em um contexto urbano, não possuindo ainda um pleito territorial, como muitos outros quilombos em Minas Gerais e no Brasil. Outros quilombos urbanos brigam por sua titulação territorial e mesmo contra invasões e questionamentos sobre sua legitimidade, tendo em vista a incorporação desses territórios que a urbe faz ao expandir-se.⁴⁷ Tabatinga, entretanto, não possui um litígio territorial. A vida e o cotidiano na comunidade se fazem também pelas ruas do bairro Tabatinga/Ana Rosa.

Com relação à sua principal liderança, Mãe Tiana apesar de certa autonomia material, passou árduos anos em Belo Horizonte, mas como canta Tiana à Ogum, “nos campos de batalha, nós somos guerreiros”. Sua veia de liderança e visionária fez com que promovesse diversas melhorias para seu povo e para população da Tabatinga em Bom Despacho a partir

⁴⁷ Por exemplo, a Comunidade Quilombola *Manzo Ngunzo Kaiango*, que se encontra na zona leste da capital mineira, enfrenta várias ameaças contra seu território, inclusive por parte da Prefeitura de Belo Horizonte. Recentemente em 2017 o quilombo dos Luízes em Belo Horizonte sofreu ameaças em de invasão, mesmo estando em um terreno garantido pelo INCRA à comunidade. Houve uma tentativa de reintegração de posse por parte da Polícia Militar de Minas Gerais, sob uma justificativa de um suposto “esbulho possessório”, mesmo com o quilombo estando naquela localidade há séculos, antes inclusive da presença da cidade.

dos anos de 1960 quando fixou residência por lá. Mais tarde ela também teve um papel importante para outros quilombos de Minas Gerais, como veremos adiante.

Como vimos, Sandra Maria Andrade, filha de Sebastiana, tem notória participação na luta pelos direitos quilombolas, tendo presidido a Federação das Comunidades Quilombolas de Minas Gerais (N'Golo). Ela também atua como coordenadora estadual da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ), tudo isso após conhecerem melhor seus direitos como quilombolas depois do I Encontro de Comunidades Negras e Quilombolas de 2004, que mencionei no capítulo I, em 2005. Mais do que isso, os quilombolas de Tabatinga ocupam e são os protagonistas em diversos espaços políticos relacionados à causa quilombola.

Figura 8- Sandra no massambique.



Com relação à religiosidade, como foi dito, o quilombo de Tabatinga estrela também a cena mineira do congado, com a guarda de massambique São Benedito. O grupo marca presença no circuito congadeiro do centro-oeste⁴⁸ e em alguns eventos em Belo Horizonte. Em Bom Despacho, Dona Sebastiana canta e dança o massambique, indo além das letras temáticas católicas, ressaltando o sofrimento do negro nos tempos do cativo e sua luta atualmente. A guarda é responsável por carregar o andor com a imagem de São Benedito, tal como o mastro com a bandeira do santo, onde a bandeira sobe e desce no começo e final do

⁴⁸ Mais especificamente em Bom Despacho, Nova Serrana, Pará-de-Minas e pequenas comunidades como Engenho do Ribeiro, Fazenda velha dentre outras.

período festivo. Trata-se, dentre mais de 50 guardas de congado na região, incluindo penachos, marinheiros e congos, do único massambique quilombola. Ímpar ao se vestir conforme a tradição congadeira. Singular ao cantar e proferir sobre o sofrimento do negro nos tempos de cativo. O único que, embora composto por pessoas que têm em sua cor uma histórica marginalização, é protagonista desse e de outros eventos. É esse o ponto central de sua resistência no cenário religioso em Bom Despacho, como uma contra-mola resistente de sua cultura e de seu povo frente a uma tentativa de invisibilização que sempre foi direcionada aos povos de matriz africana no Brasil.

3 CONGADOS E REINADOS

3.1 Primeiros cantos

A vida cotidiana em Minas Gerais possui no seu desenrolar traços marcantes de sua tão característica religiosidade. Essa, por sua vez, traz elementos que lhe conferem um caráter próprio e distinto, inserindo-a enquanto parte das manifestações populares desse estado.

A religiosidade mineira constitui parte daquela que, após a chegada dos portugueses, seria uma das primeiras instituições aqui solidificadas e estruturantes da sociedade brasileira: o catolicismo. Este se divide em duas vertentes: o catolicismo ortodoxo, que marcou a consolidação do poder europeu nas Américas através da relação estabelecida entre Igreja e Estado, soberana por muitos séculos na Idade Média; e o catolicismo popular, que teve em seus primórdios uma predominância nas zonas rurais, sendo determinado pela relação direta com o santo, sem mediadores de qualquer natureza (TAVARES, 2013).

Como bem observa Tavares (2013), nos cultos populares a santos não há uma intenção de desvinculação ou mesmo contestação à Igreja Católica. Há uma liberdade ao se expressar a fé e na relação para com o santo, que é direta e de modo bastante livre, sendo comuns os cultos domésticos⁴⁹ e os coletivos, que abordaremos mais à fundo a seguir.

No catolicismo popular, os cultos coletivos aos santos têm como principais exemplos as romarias e as festas populares. Dentre essas últimas, há a festa de São Sebastião, talvez a mais popular em Minas Gerais, onde o santo é tido como provedor da pecuária e pequenos produtores. Muito comum em zonas rurais, os fazendeiros doam animais para leilões, contribuindo para obras da igreja. A festa da capina acontece em comunidades rurais onde o solo é coletivamente preparado para o plantio. A festa do Divino, que celebra a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos antecedendo a páscoa. As festas juninas, em comemoração a São Pedro, Santo Antônio e São João, bastante conhecidas em todo Brasil. As Folias de Reis, que acontecem entre o natal e o dia 6 de janeiro, representando a peregrinação dos três reis magos ao recém-nascido Jesus. Por fim o Reinado de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, que tratamos aqui. Todas essas festas mencionadas geralmente são caracterizadas por quermesses, partilha de refeição, leilões, apresentações, músicas, catiras etc. Tais festas mobilizam grande parte dos comunitários, sendo assinaladas pelos momentos de reza, subida

⁴⁹ Mais comuns no interior, esses cultos se dão através de oratórios, capelinhas, imagens de santo e velas, promessas e rezas em casa.

e descida dos mastros. Nesse período a comunidade toda está em festa, contando também com a presença de visitantes, na sua maioria membros de comunidades vizinhas.

Nessas festas, assim como no Reinado, há cargos como os de dançantes, rezadores, as cozinheiras, todos escolhidos comunitária e espontaneamente, ressaltando mais uma vez os traços que distinguem essas manifestações religiosas do catolicismo ortodoxo da igreja (TAVARES, 2013). Essas celebrações não estão na dinâmica da ordem social que vigora em tempos comuns⁵⁰; trata-se de um momento de inversão desses papéis. Por exemplo, durante o período do Reinado, os reis e rainhas exercem sua autoridade, mesmo sendo pessoas que na vida cotidiana não são providas de algum poder ou privilégio específico.

Dentre as muitas festas religiosas populares, nos interessa mais aprofundar no congado, que também é encontrado em algumas regiões de Goiás e São Paulo. Chamado também de congada e Reinado⁵¹, trata-se de uma festa de caráter popular, mais recorrente entre os meses de julho a novembro, e que gira em torno da celebração dos Reis e Rainhas Conga (que falaremos mais adiante); dos santos negros São Benedito e Santa Efigênia, e por fim, da emblemática figura de Nossa Senhora do Rosário.

Como vimos, as festas de Congado são bastante populares, sendo encontradas em grande parte das cidades interioranas de Minas Gerais, assim como na capital e região metropolitana, com as devidas particularidades de cada localidade. São festas abertas ao público, que podem perdurar por mais de uma semana, tendo um dia específico para as principais celebrações e cortejos dos santos, reis e rainhas.

Em seus primórdios surgiu no contexto escravista articulado pelas irmandades e confrarias religiosas, que reuniam escravos e forros contribuindo para uma sociabilidade dos que foram expatriados e escravizados (SILVA, R. 2010). O congado era tido como uma festa de negros, que remontam aos tempos coloniais. Já segundo Gomes (2014), através das irmandades os negros que passaram pela diáspora se socializavam e se integravam.

O antropólogo Rubens Silva (2010) menciona as primeiras confrarias e irmandades (Irmandade dos Homens Pretos) estabelecidas no século XVIII, nas históricas cidades mineiras como Ouro Preto (Vila Rica) e Serro (Vila do Serro). O autor chama atenção para essas confrarias que, vinculadas às irmandades religiosas, tiveram importante papel na

⁵⁰ Tempos Comuns são aqueles fora do período festivo, que normalmente é indicado pelo levantamento e descida de um mastro com a bandeira do santo festejado.

⁵¹ Sobre essa variação de nome, percebi que está ligada às diferenças regionais presentes em Minas Gerais. Em Bom Despacho é quase unânime o uso do termo Reinado no lugar de congado. Já na região do sul de Minas, Campo das Vertentes, como em Bom Sucesso, Fagundes e outros, usa-se ambos os termos. Uma vez numa conversa com um congadeiro esse me disse que a festa pode ser chamada de congado quando uma guarda dança e canta fora do período festivo. Nas celebrações de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, com levantamento de mastro e toda as preparações, dão o nome de Reinado.

manutenção de algumas atividades da sociedade escravocrata⁵². Embora estivessem vinculadas à Igreja Católica, essas confrarias possibilitavam uma associação dotada de autonomia em seu funcionamento e manutenção de sua ordem em relação à Instituição Igreja. As irmandades eram também indicativo de status conforme hierarquia social, sendo por exemplo: as Irmandades do Santíssimo Sacramento, do Carmo e de São Francisco compostas pelas camadas ricas e dos brancos da época, com senhores de minas e ricos comerciantes; já os pardos e negros forros compunham as Irmandades das Mercês e do Amparo do Cordão; por fim os negros escravizados compunham as Irmandades de Nossa Senhora do Rosário, de São Benedito e de Santa Efigênia (SILVA, R. 2010).

Entretanto, nem só de catolicismo se constitui o Congado. Muito pelo contrário. As heranças das cosmologias negras africanas dão a tônica para as ritualísticas e a todos os mistérios que também compõem o Reinado. Alguns autores e estudiosos dessa temática debruçam mais a fundo essa questão a partir de elementos constituintes do próprio Reinado. Rafael Barro Gomes (2014) aponta que a devoção à Nossa Senhora do Rosário é fruto da ação dos dominicanos, a partir da Idade Média, devido à evangelização do Congo. Entretanto, essa devoção não é recorrente apenas no Brasil, Portugal e Espanha, mas em toda América Espanhola e Portuguesa, com relatos em Cuba e Haiti. Evidente que esses cultos têm suas peculiaridades em cada uma dessas localidades. Dentre as razões para aceitação desse culto está o rosário, dado pelos céus e que representa uma ligação direta com Deus, além da associação feita entre o rosário e elementos religiosos africanos, como o rosário de Ifá, oráculo de sacerdotes africanos, de origem ioruba (GOMES, 2014).

3.2 O mito

É com o intuito de um melhor entendimento acerca dessa contribuição afro presente no congado que guio as próximas páginas desse capítulo, chamando atenção para sua protagonista principal e o mito que a rodeia. A figura central do congado, Nossa Senhora do Rosário, habita através de sua narrativa mítica o imaginário dos congadeiros, fazendo-se presente também nos festejos. Como todo mito, esse também possui suas mais diversas versões e é contado em várias localidades, sendo geralmente passado dos mais velhos aos mais novos. Este mito está situado dentro do Reinado e nos mistérios do Rosário.

⁵² Segundo o autor, realizavam trabalhos assistencialistas, funerais de negros escravizados e auxílio à doenças, que de certa forma eram de responsabilidades dos senhores (SILVA, R. 2010).

A santa em questão é figura católica que intercedeu diretamente a favor dos negros e negras outrora escravizados. Seu aparecimento enquanto um mito compõe e estrutura as místicas do Congado e/ou as Festas de Reinado. Dentre as muitas variações do mito, trago aqui aquela que conta a figura da capitã Sebastiana⁵³, do massambique São Benedito.

A Santa aparece numa lagoa próxima a uns rochedos sendo avistada primeiro por uns índios que ali andavam. Eles se esconderam por não saber do que se tratava. Nisso, uns negros cativos a viram e foram correndo contar para o patrão que correndo e avistando a Santa com um rosário na mão se ajoelhou aos seus pés e rezou. Permanecendo em silêncio Nossa Senhora não respondeu aos pedidos dos brancos para entrar na casa deles, mesmo com todas as pessoas lá. Mesmo sendo zombado pelo senhor, o povo do Congo com toda sua alegria se apresentou para a Santa, que dançou aos sons dos tambores, mas não arredou o pé. Estavam quase desistindo quando o preto mais velho da senzala pediu permissão para o povo de Moçambique. Apesar de duvidarem que tão simples e humilde povo pudesse fazer algo, mas consentiu. Foram com um andor de madeira esculpido em toco de pau e já no segundo canto a Santa pula no andor e no terceiro ela os acompanha. Nisso os índios⁵⁴ escondidos vão abrindo caminho com suas machadinhas para o povo do Moçambique ir passando com Nossa Senhora do Rosário. O povo de Congo se juntou e depois o povo do patrão até a Casa Grande. Deram grande festa e no dia seguinte notaram que Santa havia sumido. Descobriram que havia voltado para o mesmo lugar e diante de outra tentativa de buscá-la a mesma recusa dizendo que seu lugar não era dentro da Casa Grande, mas que tinha vindo para libertar o negro do cativo e até esse dia chegar ela ali ficaria para consolá-lo. Construíram um altar para ela lá (COUTO, 2003: 78).⁵⁵

A santa surge nas águas e revela-se aos negros que são tidos como seus eleitos depois que o branco empenha-se, em vão, à tirá-la de lá. Vilarino (2014, p. 99) coloca a epifania da santa aos negros como uma manifestação do espiritual, “ao mesmo tempo, um *inquire*⁵⁶ que permanece entre os congadeiros assentado nos seus altares”. A santa, revelação do espiritual que se configura por uma roupagem da cosmologia católica branca, intercede pelo negro a partir daqueles tempos de cativo, em decorrência do sofrimento que lhe era imputado.

O elemento água, representado pela lagoa (ou pelo mar, dependendo da versão do mito) em que a santa aparece é algo recorrente nas manifestações religiosas dos povos africanos. Vários estudiosos já abordaram esse significado da água, como Christopher Fennel (2013), que discutiu o cosmograma *bakongo*⁵⁷ onde a água representa a divisão entre os

⁵³ Dona Tiana conta essa narrativa em vários momentos além desse depoimento à Patrícia B. Couto, como no próprio documento de Caracterização da Comunidade, (SILVA, I. 2012?), que já mencionei anteriormente neste texto, e também no documentário *A filha de São Sebastião* (2014).

⁵⁴ Sebastiana dá a entender que surge daí a participação dos índios e da guarda de caboclos no reinado.

⁵⁵ Os elementos dessa narrativa variam em função do contexto no qual é contada. Em algumas versões a santa aparece no mar, em outras apenas na água, podendo ser numa gruta, num rochedo ou sem especificar a água perto das matas. Não é meu intuito fazer uma análise detalhada dessas diferentes versões do mito, me contentando com essa que a protagonista principal do Quilombo da Tabatinga traz em seu discurso.

⁵⁶ Termo bantu para orixá.

⁵⁷ Fennel realizou estudos arqueológicos sobre o Cosmograma Bakongo em sítios de *plantation* norte-americanos, onde uma grafia abreviada desse cosmograma era uma forma de manutenção estratégica de

mundos dos vivos e dos espíritos, por exemplo. O termo Kalunga⁵⁸ também faz referência às águas enquanto separadora de mundos, onde atravessar o mar, a kalunga, seria ir de um mundo ao outro, nascer ou morrer. O trabalho de Slenes (*apud* Vilarino, 2014) também toma a água como linha divisória entre os mundos.

Dona Sebastiana canta:

*Navio negreiro no meio do mar
correntes pesadas na areia arrasta
os negros escravos se punham a cantar
saravá, nossa mãe Iemanjá
virou a caçamba pro fundo do mar
e quem me salvou foi mão Iemanjá
saravá, nossa mãe Iemanjá*

Outras figuras eventualmente aparecem em outras versões, como a Princesa Isabel, e Chico Rei⁵⁹. Entretanto os mistérios que envolvem o reinado vão muito além do que traz o mito. Algumas guardas cantam que Nossa Senhora do Rosário esteve com os negros ajudando a suportar todas as dificuldades dessa árdua travessia pelo Atlântico.

*navio negreiro chegou
carregado de nego nagô
ta chegando, tá chegando
carregado de negro africano - (cantando na praça, ao buscar o andor do santo)*

reprodução estrutural da religião Bakongo. Segundo as próprias palavras de Fennel, seus estudos arqueológicos sobre a diáspora africana trouxeram grandes contribuições para derrubar a tese de que os artefatos de práticas religiosas encontrados em contexto norte-americanos não são restos e fragmentos das religiões africanas, mas sim uma continuidade de uma forma ritual que era usada mesmo quando o sistema era dominante na África. Numa interpretação acerca do cosmograma, o autor identifica a “linha da Kalunga” que seria uma divisão fronteira entre uma divindade suprema e os espíritos menores, além da divisa entre mundo dos vivos e dos mortos. Nesse ponto, a água é uma imagem metafórica onde seu brilho e reflexo espelhado agem como invocação às forças dessa fronteira.

⁵⁸ O termo se divide em kalunga grande, que faz referência ao mar, meio por onde foram realizadas as travessias dos negros escravizados na diáspora, e kalunga pequena, alusivo aos cemitérios. De certa forma esses dois significados se convergem pois, a grande kalunga serviu de cemitério para os milhares de negros que sucumbiram na travessia do Atlântico.

⁵⁹ Segundo contam congadeiros de várias regiões e irmandades, Chico Rei era um líder de um dos reinos africanos e fora escravizado e trazido para o Brasil pela diáspora. Era um sujeito muito inteligente que, com muito esforço, conseguiu sua liberdade. Comprou uma mina de ouro e ia libertando outros escravizados à medida que ia tirando mais riqueza da mina. Contam que fundou depois uma capela para Nossa Senhora do Rosário e que os senhores reconheceram sua grandeza, deixando ele realizar suas celebrações.

3.3 O reinado

O reinado, como vimos, pode ser entendido como a reunião de todos os grupos em momento festivo, ou seja, no dia da festa de Nossa Senhora do Rosário. Desse modo, esses grupos distintos são denominados guardas⁶⁰, cortes ou ternos, nomes que variam de acordo com a região. Esses grupos se apresentam de maneira própria, diferenciando-se não só por suas roupas, indumentárias e instrumentos, como em seus fundamentos, mandamentos e ritos dentro do Rosário. São também independentes entre si, de maneira que cada uma das guardas assume diferentes papéis na festa de reinado. São elas o congo, penacho⁶¹, catupê⁶², vilão, marinheiro⁶³, e o massambique. Não obstante, como meu foco nesse trabalho é o massambique São Benedito, da comunidade de Tabatinga, darei então mais atenção à essa guarda e ao congo, devido à sua expressiva presença no reinado de Bom Despacho.

Para algumas irmandades, entra também o Candombe, mas sempre dando na contagem sete guardas, formando os “sete irmãos do Rosário”, que compõem o Reinado de Maria. O Candombe é formado pelos três tambores sagrados nos quais a santa repousa depois de tocarem e dançarem pra ela, segundo consta no mito. Desses três tambores há uma variação de nomes como Santaninha, Santa Maria, Chama e Jeremias, mas o principal é chamado Santana; segundo algumas versões do mito de origem foi onde a santa se assentou após os negros tocarem pra ela. Os tambores do candombe diferem dos usados pelos caixeiros das demais guardas, sendo tocados com as mãos no lugar das baquetas e apoiados diretamente no chão, possuindo formato similar ao atabaque. Para algumas irmandades, como a dos Arturos, localizada em Contagem, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, o Candombe é sagrado e faz parte dos ritos do Reinado, sendo executado em momentos restritos apenas aos comunitários. Esses momentos acontecem na sede da irmandade, sendo que o candombe não sai às ruas como as outras guardas. Outras comunidades quilombolas também têm o Candombe enquanto parte de suas tradições, como é o caso da comunidade Matição, em Jaboticatubas, região metropolitana de Belo Horizonte.

Aproveitando que mencionei os tambores do candombe, antes de prosseguir falando um pouco sobre as guardas, faço aqui uma breve observação sobre a materialidade do congado. Entre os elementos materiais que fazem parte dessa manifestação religiosa,

⁶⁰ Observamos alguns elementos que podem ter sido incorporados de patentes da esfera militar, como o termo *guarda* e *capitão*.

⁶¹ Caboclinhos, em algumas regiões.

⁶² Catopé, em algumas regiões.

⁶³ Marujo ou Marujada, em algumas regiões.

encontram-se: instrumentos musicais (gungas, pagangomes e tambores), o rosário, bandeiras dos santos, dentre outros. Todos esses objetos estão na ordem do sagrado, e boa parte das vezes são confeccionados pela própria irmandade. O rosário, o mais emblemático deles, é correlacionado ao Ifá, oráculo ioruba que também é visto como orixá do destino e adivinhação, como mencionei acima. Para a Igreja Católica o rosário contempla os três mistérios⁶⁴ da vida de Cristo na terra, sendo eles o nascimento (gozosos), a paixão (dolorosos) e a ressurreição (gloriosos). Os congadeiros contam que foram as lágrimas de Nossa Senhora do Rosário que deram origem às contas do terço. A santa teria chorado ao ver o sofrimento do negro, quando suas lágrimas caíram no chão nasceu uma planta e dessa planta teriam vindo as contas.

O bastão, símbolo do poder no congado, trata-se um báculo ou haste de madeira ornado com fitas coloridas, podendo ou não ter um terço atado a ele. O bastão também pode fazer menção aos preto-velhos, como é o caso do bastão do Rei São Benedito. Na guarda da Tabatinga, Eustáquio (conhecido por Taquinho) é quem é coroado Rei São Benedito.

As gungas são feitas de latinhas usadas, onde são colocadas pedrinhas, sementes, grãos de café ou mesmo as contas de terços e rosários que se arrebutaram. São amarradas aos tornozelos como uma espécie de guizo, produzindo um som percussivo conduzido pelos passos dos dançantes. Em certos momentos alguns dançantes se juntam dançando sincronizadamente, fazendo destacar o som das gungas nas músicas e dos demais instrumentos⁶⁵. O saio é curto e colocado por cima da calça do congadeiro, sendo geralmente de tecido rendado. O turbante, na maioria das vezes, é de tecido branco. Todos esses apetrechos são compartilhados tanto pelo Massambique quanto pelo Congo, dependendo da localidade em questão.

⁶⁴ O Papa João Paulo II acrescentou o quarto mistério, os luminosos, que se refere à vida do Jesus e seus milagres na Terra.

⁶⁵ Na comunidade dos Arturos, esse momento é chamado de *bizarria de gungas*.

Figura 9- Gungas.



Os patangomes são instrumentos que emitem um som similar ao chocalho, podendo ser arredondados ou quadrados, com alças nas laterais para serem agitados. São feitos de metal, sendo muito comum serem usadas para isso calotas de carro, como de Kombi e fusca, que possuem formato de cuia, côncavo. No seu interior há grãos que ao se balançarem emitem seu som característico.

Figura 10- Patangomes em mãos.



Dentre as figuras de destaque no reinado estão: o Rei Perpétuo e a Rainha Perpétua, cargos vitalícios que correspondem ao mais alto grau da hierarquia dentro do congado, representando toda a associação dos congadeiros; os Reis e Rainhas temporários, definidos a cada ano e que representam as coroas dos santos; e os Reis Coroados, Santa Efigênia e São Benedito, que por exemplo compõem a guarda da Tabatinga. Estes também são cargos vitalícios e surgem através de um ritual de iniciação e coroação com outras guardas presentes. Dona Sebastiana se orgulha do fato de ser sua guarda a única em Bom Despacho a ter reis coroados, representados pelo casal Maria e Taquinho (Eustáquio). Maria, Rainha Santa Efigênia, conta que este posto era da mãe dela antes de morrer, e ela o herdou com todas as obrigações que demanda.

Figura 11- Maria e Eustáquio coroados Rainha Santa Efigênia e Rei São Benedito do massambique da Tabatinga.



Voltando às guardas, o congo vai à frente do massambique, como quem vai “abrindo os caminhos”. Geralmente, tem um toque mais acelerado, e em Bom Despacho seus integrantes usam roupas coloridas e, como coloca Dona Sebastiana, “enfeitam a festa, pra ficar bonita”. Os Congos de Bom Despacho têm como seus principais instrumentos as caixas (do mesmo estilo que o massambique usa, porém não necessariamente idênticas), pandeiros,

reco-reco⁶⁶ e tamborim⁶⁷, que geralmente é tocado pelo capitão da guarda. Na região da capital mineira as guardas de Congo seguem a tradição de usar saiote, gungas e turbantes, e suas roupas acompanham as cores que representam sua irmandade. Também em seus cantos, embora distinto dos do massambique, nota-se que suas letras giram em torno da santa do Rosário e dos mistérios do congado. Já as guardas de Congo de Bom Despacho fogem dessa tradição, lançando mão de vestes multicoloridas com fitas brilhantes, chapéus, botas, com ausência das gungas nos pés e tocando outros instrumentos como banjo, cavaquinho e pandeiro. Suas músicas têm temáticas que fogem um pouco da narrativa mítica e da figura central da santa, incluindo também canções de domínio popular.

Nas festas de Bom Despacho, há o massambique São Benedito de Dona Tiana, uma guarda de marinheiro, um Penacho e outro massambique, cujos integrantes curiosamente se vestem como marinheiros. Na região de Bom Sucesso a presença das guardas de vilão e catupé são notórias. Os vilãozeiros dançam com uma vara ou *manguara* que cruzam e batem uns com os outros em sincronia. Suas vestimentas são cobertas por fitas coloridas. Há relatos de uma outra guarda, os Cavaleiros de São Jorge, mas dentre os limites geográficos do meu campo não obtive informações suficientes a respeito.

Já o massambique, talvez o mais importante protagonista nos reinados, tem sua presença quase obrigatória. A guarda de Mãe Tiana participa do reinado em algumas pequenas comunidades vizinhas a Bom Despacho, como Engenho do Ribeiro e Fazenda Velha. Lá participam de momentos que, segundo Tiana, são atribuições do massambique. Dentre esses momentos está o levantamento do mastro, que acontece no princípio do período festivo, indicando-o semanas antes da festa; e sua descida no final do último dia dos festejos. O massambique também é responsável por conduzir as rainhas e reis congos pelo cortejo. Geralmente são as últimas guardas a saírem em séquito. Apresentam-se de branco, com turbante na cabeça, saiote, gungas amarradas aos tornozelos, sempre com seus rosários cruzados no peito. Dona Tiana (A FILHA, 2014) explica cada um desses itens, onde o turbante abençoa e protege a cabeça dos congadeiros, o rosário hoje entra no lugar das correntes pesadas que eram obrigados a carregar no tempos de cativeiro. Já as gungas cujo som quando em conjunto é bastante bonito de ver e ouvir, ao ser amarrada aos pés dos escravizados serviam para denunciá-los quando em fuga devido ao som que é produzido em movimento. Por fim, a toalha segundo Sebastiana representa a libertação, que antes limpava sangue, hoje enxuga o suor dos dançantes. A matriarca é categórica e taxativa ao mencionar

⁶⁶ Tira de madeira com vários frisos que emite um som ao passar por uma vareta de madeira.

⁶⁷ Instrumento de couro em formato retangular ou quadrado, tocando por uma baqueta.

as características e os atributos do massambique. Conta ela que na época do cativoiro “*nego* andava de pé no chão, não tinha esse luxo não... então que o massambique tem que ser simples, como naquela época”⁶⁸.

A guarda de São Benedito, por conseguinte, é a única que se apresentou dessa forma no Reinado de Bom Despacho durante esses anos que lá estive acompanhando. As demais guardas, sobretudo as de congo se apresentam com tecidos coloridos, brilhantes, calças sedosas, fitas e chapéus. Todo ano essas guardas fazem uma farda nova para a festa do Rosário em agosto, variando muito nas cores. Percebo que há entre essas guardas uma disputa não declarada de “roupa mais bela” a cada ano, que Dona Sebastiana taxativamente reprova, pois segundo ela isso não condiz com o Reinado.

Figura 12- Guarda de congo. Detalhe para a diferença nas vestimentas multicoloridas.



Dona Tiana faz questão de afirmar em todos os pormenores as origens do massambique, seja por suas vestimentas ou pelos cantos:

*Negro na senzala chorou
Negro na senzala chorou
Ê, veio pedir a proteção
Para seus irmão
Que ali na senzala sofria*

⁶⁸ Os Carrapatos da Tabatinga fazem um paralelo entre o congado e a umbanda, que também deve se basear na humildade, simplicidade e cor branca.

Sobre o próprio termo massambique, a capitã fala sobre suas origens e sobre a pronúncia, sendo que muitos dizem Moçambique. Como conta Tiana, o termo se refere ao ato de “massar” (amassar) um tipo de barro ou argila, que os escravizados faziam com os pés. Na região do Sul de Minas, no entanto, predomina-se o uso do termo ou pronúncia Moçambique, que não tem necessariamente relação com o país homônimo, mas sim com Angola⁶⁹. Em alguns cantos, como o da guarda do capitão Julinho de Fagundes, fica explícita essa relação:

*Soltei o meu pombo correio
Meu pombo correio avuô
Mandei ele lá pra Angola
Até hoje ele não voltou (MOÇAMBIQUE, 2008).*

O massambique tem em seu arranjo os bandeireiros à frente, carregando as bandeiras dos santos, no caso São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, com uma bolsinha onde guardam donativos que as pessoas entregam no decorrer dos dias do reinado. Na guarda da Tabatinga, as bandeireiras geralmente são crianças pequenas, hoje Dafne e Aléxia. Elas puxam a fila, pois a bandeira deve sempre ir à frente. Sem as bandeiras o massambique não anda. Passando pelas casas, a guarda permanece parada enquanto as bandeireiras vão até as portas para as pessoas beijarem as bandeiras e fazerem reverências aos santos. Geralmente todas as guardas do reinado têm as bandeiras e as pessoas que as carregam.

Logo atrás das bandeiras segue a capitã Sebastiana. Sempre com seu bastão em mãos, a capitã circula por toda a guarda. Quem está em posse do bastão comanda a guarda. Algumas irmandades possuem mais de um capitão, dispostos como uma hierarquia. Há o primeiro-capitão, segundo-capitão e terceiro capitão, por exemplo. Quando um deles vai comandar o massambique, recebe então o bastão daquele que estava comandando, ou, casualmente, cada um mantém seu bastão. Como coloca capitão Julinho, de Fagundes, “o bastão é o poder... significa poder. E tem que ter né?” (CÊ, 2008).

⁶⁹ Segundo a Capitã Pedrina da guarda de massambique da cidade de Oliveira e mestra de saber popular que também já ministrou disciplinas de saberes na UFMG, é devido a essa relação com Angola que se escreve Massambique, e não Moçambique.

Figura 13 - Aléxia carregando a bandeira à frente do massambique.



A capitã Tiana segue com seu turbante na cabeça, gungas nos pés, a toalha, sempre de branco. Anda também com suas guias de santo, usadas na umbanda, com seu rosário e seu apito. O capitão é responsável por conduzir o massambique em todos os pequenos movimentos ritualísticos, que demandam cada momento do reinado, como puxar cada música no seu momento certo, pedir licença e agradecer em cada espaço que vão, saudar figuras importantes como reis, rainhas e capitão-mor, e realizar movimentos típicos como o da *meia-lua*⁷⁰. Ao sopro do apito toda a guarda atende à capitã. É a figura máxima de autoridade dentro do massambique.

Em seguida, atrás do capitão seguem os reis coroados, Rainha Santa Efigênia e Rei São Benedito. Como mencionei anteriormente, são coroados atualmente nesses postos o casal Maria e Eustáquio (Taquinho). Conta Dona Tiana que na coroação deles fizeram um grande ritual, com a presença obrigatória de irmandades visitantes, tudo documentado. Os reis coroados seguem com a guarda, fazendo suas orações, benzendo a todos. Não obstante, sua importância vai além disso.

⁷⁰ Movimento no qual os dançantes, dispostos em filas duplas paralelas, dão uma meia volta geralmente à frente da coroa dos festeiros ou mesmo numa encruzilhada. Quando os dançantes se cruzam à frente da guarda eles dão uma volta em torno de si para depois retomar a posição original.

Figura 14 - Capitã Sebastiana comandando seu massambique.



Os dançantes se apresentam com as gungas aos pés e os patangomes. Formam filas duplas paralelas, entre as quais ficam os reis coroados. Ao comando da capitã, os dançantes com suas gungas se juntam à frente e sapateiam, fazendo ressoar o som característico que abafa os cantos, e às vezes, até os tambores. Gabriel, filho da Sandra e Holdry, filha da Tânia fazem a diferença quando agitam suas gungas dançando. Comumente, na guarda da Tabatinga, quem dança com gunga não leva patangome. Esses emitem um som como um chocalho e os dançantes que os carregam dançam mais contidamente que aqueles de gunga nos pés.

Figura 15- Caixeiros ao final da guarda.



Por fim, os caixeiros completam o massambique, seguindo no final da guarda. Na Tabatinga, geralmente, são três ou quatro caixeiros. As caixas ou tambores são feitas de madeira e couro de boi, embora alguns grupos usem instrumentos de metal e pele sintética. São instrumentos sagrados que só podem tocar ritmo de congado. Também só saem à rua quando estão no massambique.

Mãe Tiana frisa bastante a relevância do Massambique e sua relação com as outras guardas. Segundo a capitã, sem massambique não tem reinado. Essa aparente divisão e separação dos grupos, tanto no Reinado quanto no mito é contada e cantada por alguns massambiqueiros, no documentário *Cê me dá licença (2008)*:

*Ô companhia
Nossa Mãe quando apareceu
Apareceu em rocha de pedra
Foi sô Vigário buscar Nossa Mãe
Nossa Mãe não veio
Foi banda de música
Nossa Mãe não veio
Foi congadeiro
Nossa Mãe não veio
Foi catopezeiro
Nossa Mãe não veio
Foi vilãozeiro
Nossa Mãe aluiu
Ô companhia
Com moçambiqueiro
Nossa Mãe saiu*

3.4 A festa

O grande momento do congado é o dia da festa, quando todas as guardas, anfitriãs e convidadas, se reúnem para as celebrações. Toda a comunidade trabalha em função da festa, na recepção dos visitantes, preparação da comida, confecção dos enfeites e demais funções. Estão todos em celebração. A festa de São Benedito, por exemplo, acontece no bairro Tabatinga, numa capela próxima à casa de Sebastiana. Nessa capela é celebrada a missa, é também onde os ternos se encontram e os mastros são levantados. Ela é enfeitada na semana da festa pela comunidade. No entanto, Sebastiana e Tonho fazem uma “festa” à parte, enfeitando sua casa toda com bandeirinhas e demais ornamentações. Tonho faz um altar todo ano para São Benedito, no barracão do centro (terreiro), onde se encontram antes de saírem para rua com o massambique.

A festa em si pode ser entendida como o próprio reinado, onde várias guardas saem às ruas cantando e dançando, de acordo com seus mandamentos, em louvor aos santos mencionados. O reinado, como foi dito, pode durar até semanas, mas é no dia de festa que se concentram as maiores obrigações: a missa conga, o cortejo dos santos, reis e rainhas e a descida dos mastros. Já no romper da aurora os congadeiros se reúnem para a alvorada⁷¹, que acontece ao clarear do dia, e é geralmente anunciada pelo estouro dos foguetes, além é claro, dos sons dos tambores e outros instrumentos das guardas. Antes de sair, o Massambique São Benedito faz suas orações, defumações⁷² e toda a preparação realizada no centro, para que tudo ocorra bem, com as proteções das entidades que os acompanham. Na festa de Nossa Senhora do Rosário, no ano de 2017, logo após a alvorada algumas guardas já pré-estabelecidas levaram as imagens dos santos homenageados da igreja da Cruz do Monte, à igreja de Nossa Senhora do Rosário, sendo a imagem de São Benedito levada pelo Massambique São Benedito, da Tabatinga.

Após a alvorada, as guardas visitantes começam a chegar à cidade ou na comunidade anfitriã, sendo geralmente recepcionadas em pontos estratégicos. Então, as guardas saem às ruas, visitando as casas daqueles que são os reis festeiros, que estão naquele ano em posse de uma das coroas dos festeiros. São aproximadamente vinte coroas, sendo que todo ano essas coroas são repassadas a outras pessoas, através de enunciados feitos ao final do dia da festa na porta da igreja, pelo padre. A pessoa em posse de uma dessas coroas recebe uma das guardas de congado em sua casa (ou num salão específico para isso, determinado pela Associação dos Congadeiros de Bom Despacho), na qual proporciona um café ou almoço/janta para os membros do grupo. São pessoas que estão agradecendo uma graça recebida, cumprindo uma promessa ou mesmo pedindo algo aos santos. Os laços sociais entre congadeiros, festeiros, devotos e toda a comunidade são confirmados nesses cafés e almoços, com cada um cumprindo sua missão e sua função. A comida é mais que uma moeda de troca nessa relação. É uma dádiva, que é consagrada e recebida sob muitos agradecimentos, sobretudo, pela sua ligação com São Benedito, tido como santo cozinheiro. O alimento promove também essa sociabilidade entre os congadeiros anfitriões e os visitantes. Em Bom Despacho, alguns espaços são destinados a esses momentos, como o Salão São Vicente, Salão da Olaria, dentre outros que a Associação dos Congadeiros estipula. Também são oferecidos cafés nas casas

⁷¹ Encontro breve dos congadeiros à capela Cruz do Monte, logo nas primeiras horas do dia.

⁷² O fogão à lenha que fica na área externa da casa de Sebastiana é acionado nesses momentos. Fazem um pouco de brasa com carvão para acender um incensário ou turíbulo onde queimam ervas e folhas secas que usam para defumar os instrumentos e a todos que vão sair e acompanhar o terno de massambique. Essa prática é feita visando proteção.

dos devotos, que retribuem através desse lanche pedidos feitos aos santos. Esses momentos de sociabilidade e trocas acontecem em toda a cidade festeira, em várias localidades, como foi dito, e durante grande parte do dia, havendo guardas que vão tomar café, mesmo após a descida dos mastros.

Acompanhando o Massambique de Dona Tiana, presenciei muitos desses momentos nos quais os devotos recebem as guardas em casa, com comida. Tudo é feito através de uma ritualística às vezes sutil demais para ser compreendida por quem não é congadeiro. Os anfitriões ficam com a casa de portas abertas, esperando o Massambique, que chega cantando algumas canções como esta:

*Demorei mas eu cheguei, ai ai ai
No rosário onde eu queria, ai ai ai
Festejar São Benedito, ai ai ai
No rosário de Maria*

Dona Tiana chega com seu massambique, com seu bastão em mãos, e aos sopros de seu apito comanda os massambiqueiros, sob os olhares de Pai Tonho, que fica mais à retaguarda do grupo. Antes de entrar na casa, pedem licença ao santo, cantam para seu anfitrião, no caso de ser num salão, para quem os está recebendo:

*Oi eu vim de muito longe, ai ai ai
Mas eu vim com muita fé, ai ai ai
Vim trazer nossa bandeira, ai ai ai
De Jesus de Nazaré, ai ai ai*

Figura 16- Capitã Sebastiana reverenciando Capitão-mor Vieira.



Uma dessas visitas que acompanhei foi à casa do capitão-mor do reinado de Bom Despacho, o capitão Vieira. Um fato curioso que contam é que o capitão vinha nos últimos meses com a saúde debilitada e, por isso afastaram-no de seu cargo. Mãe Tiana é categoricamente contra essa decisão e diz que capitão-mor é um cargo vitalício. Ninguém pode tirar esse cargo, a não ser a própria morte. Nesse dia ele foi receber o massambique São Benedito e, antes de adentrar à casa, a capitã pediu que ele estivesse com seu bastão em mãos também, e cantou para ele⁷³:

*Dá licença Capitão, ai ai ai
Dá licença d'eu falar, ai ai ai
Eu peço sua licença, ai ai ai
Pra no seu salão cantar, ai ai ai*

Depois de pedir licença e cantar, as bandeireiras entregam as bandeiras de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito aos donos da casa e então o massambique entra, guiado pelos anfitriões até o local do café. Ali uma mesinha é colocada, fazendo a função de um altar, com imagens de santos (a princípio para os santos protagonistas da festa, mas eventualmente outros também), junto com flores e velas. O massambique canta também para a Coroa que o festeiro recebeu naquele ano, que simboliza a coroação de Maria, Nossa Senhora do Rosário, coroada intercessora dos negros. Os Reis coroados então ficam ao lado dos anfitriões que estão segurando a bandeira e do altar.

*Bati meu joelho em terra,
Eu pedi com fé
Ou me vale Nossa Senhora
Ou a Virgem de Nazaré*

⁷³ Capitão Vieira veio a falecer no dia 1 de setembro de 2017, e teve em seu velório homenagens e rituais de descoroação, previsto em seu posto de capitão-mor da festa de Bom Despacho.

Figura 17- Capitã Dárdara dançando para agradecer o alimento.



Figura 18 - Capitã Sebastiana fazendo reverência ao alimento.



Os cantos que se seguem são em louvor aos santos em questão, mas o massambique São Benedito canta também para outros santos e entidades. Esses cantos são feitos pedindo graças aos que os recebem na casa e abençoando o alimento que está sendo servido.

*Oh Senhora de Lourdes,
O meu coração tá doendo
Valei-me Nossa Senhora,
Senão acabo morrendo
Ai que céu sereno
Oi Sereno luar*

*Marinheiro chorando
Oi na beira do mar
Sá Rainha cadê sua coroa
Sá Rainha vamos coroar*

Os primeiros cantos saúdam os santos, fazem menção ao seu poder, que intermedia sua relação com os devotos. Enquanto o massambique canta, as pessoas observam com respeito a apresentação, conduzidos pela figura de Mãe Tiana, com todo seu magnetismo enquanto capitã. É como se a capitã, através de seus cantos, primeiramente reconhecesse a grandeza do santo; pede depois suas bênçãos e as intermedia para os donos da casa.

*É de ouro, é de ouro
A coroa da Vovó
Vamos coroar, minha Rainha, vamos coroar
Vamos coroar, minha Rainha
A Rainha do congá*

Cantar para a coroa é cantar em louvor à santa que foi coroada como protetora dos negros. Toda guarda canta para a coroa nesses momentos. Nessa ocasião de trocas e sociabilidade que é o café, o massambique São Benedito canta, enquanto os componentes da guarda vão um por um reverenciar a coroa e as bandeiras dos santos. Eles seguem em fila para beijar a coroa dos festeiros, as bandeiras que estão nas mãos dos anfitriões, a casinha de madeira que a Rainha Santa Efigênia leva em mãos. Ao ser entoado pelos cantos do massambique, esse momento soa como se fosse a própria coroação. Estão reafirmando o posto da santa e sua condição de advogada dos negros.

O massambique então pede bênçãos como intermédio entre a santa e os donos da casa. Dona Tiana diz que o massambique vai cumprir seu papel, sua missão, independente de quem for o dono da casa. A guarda responde à santa, e se o dono da casa fez uma promessa ao santo, o massambique vai até lá. Em 2017 presenciei um desses momentos de “pagar café”, que ocorreu numa casa de candomblé. Aconteceram os mesmos ritos que ocorrem na casa de um católico.

*Oh dá licença ó Mãe,
Que vou me arretirar
Que os anjos do céu
Vão te coroar*

Em seguida o massambique canta para bater em retirada. Todos vão se retirando andando de costas, pois o massambique não vira as costas em momento algum para o santo e para a coroa. Agradecem então aos anfitriões cantando:

*Adeus povo bão, não chores não
No ano que vem eu farei nova canção
Deus lhe pague Deus lhe ajude, Deus lhe dê muita saúde aiai
A Senhora do Rosário seja sua companhia aô*

Depois do almoço, os cortes se juntam para o grande momento do cortejo. A festa de Nossa Senhora do Rosário ocorre na sua igreja, com a praça cheia de pessoas, festeiros e congadeiros. Um palanque é montado, onde, através de som mecânico, tocam músicas e fazem anúncios, chamadas, e incumbências da igreja, através de microfone e auto-falante. O padre ali celebra missa, conduz os cortes.

Figura 19- Sebastiana e seu massambique na igreja.



*Lá no alto da pedreira
São Benedito ajoelhou
Abençoi seus filhos
Que por Ele louvou
Oh Benedito, Oh Benedito,
Que no terreiro chegou
Abençoi seus filhos
Quer por Ele louvou*

O massambique da Sebastiana é encarregado do andor de São Benedito por todo o cortejo. Com a praça cheia, o canto do massambique soa distinto dos demais, pois trata-se, além da religiosidade, de um ato de resistência.

Figura 20 - Reis congos juntos na igreja.



É interessante observar que, nesse momento em que os cortes estão todos juntos, o único que canta sobre o sofrimento do negro na época do cativeiro é o da Tabatinga. Vejo esse como um grande ato político, pois a capitã canta, ressaltando suas origens negras, seus ancestrais africanos e sua religiosidade, num contexto que, embora seja festa de congado, é marcado por pessoas brancas, pela Igreja Católica, e se situa numa cidade de interior de Minas Gerais, tão conservadora que, em alguns momentos parece ainda respirar ares coloniais.

*Negro sofria, negro chorava
Negro rezava, lá na senzala
Oh oh meu Senhor, oh oh
No tempo do cativeiro,
Preto-velho sempre trabalhou
Não tinha nem sol e nem lua
Levava recado para o seu senhor*

O massambique São Benedito segue então em cortejo com o andor do santo, seguido do de Nossa Senhora do Rosário e de Santa Efigênia, levado por outras guardas. Vão até à igreja matriz, cantando, e todos que estão na rua param para ver. Eventualmente, ouço comentários das pessoas, dizendo que “o que mais gosto de ver é o massambique da Tiana”. São inúmeras as vezes em que pessoas que ela nem mesmo conhece, de fato, a

cumprimentam, e até pedem para dançar com ela no “ano que vem”. A figura de Tiana é muito respeitada na cidade, que ela mesma justifica dizendo, “a nega véia aqui anda certinho”.

Figura 21 - Carregando o andor de São Benedito.



Certa ocasião, quando acompanhava um dos cortejos, percebo ao meu lado caminhando, duas senhoras, que conversavam entre si dizendo “as roupas (da guarda) da Tiana estão bonitas demais, heim?”. Naquele mesmo dia depois da festa comentei essa passagem com Tiana e com Maria, que me responderam: “o povo acha que porque somos negros e moramos na Tabatinga temos que andar tudo mulambento”. De fato, segundo alguns informantes, alguns anos atrás os moradores da Tabatinga eram vistos sob olhares negativos pelos demais bondespachenses. Entretanto, segundo Gabriel, um dos meus interlocutores, esse quadro vem mudando. A luta do negro vem sendo reconhecida em pequenos pontos de resistência como esse que Mãe Tiana criou na Tabatinga e em Bom Despacho.

Após o cortejo, todas os cortes se reúnem na praça da igreja matriz, que está toda enfeitada para receber os andores dos santos. O padre ao microfone faz algumas falas que contagiam o público. Em seguida, é feita a passagem das coroas dos festeiros de um devoto ao outro que cederá o almoço/café no ano seguinte. Esse momento dura mais de meia hora, devido ao grande número de coroas. Prosseguindo para a janta, realizada num dos salões estipulados pela Associação dos Congadeiros da cidade, a guarda repete todos os ritos que descrevi acima no café. Em cada um desses momentos os festeiros que davam a comida eram diferentes.

Figura 22- Massambique carregando andor.



Depois da janta, o massambique segue em direção à Tabatinga, com o andor, para depositá-lo na capela de São Benedito, na própria Tabatinga. Todo esse percurso é feito com a guarda cantando e tocando seus ritmos. Só param quando voltam todos da capela para a casa de Mãe Tiana, se reunindo no centro. Lá os instrumentos ficam guardados até o dia seguinte; os integrantes da guarda descansam um pouco, conversam, descontraem no finzinho de noite, que já marca quase a virada do dia. É um dia muito intenso, emocionante em que o corpo só sente o cansaço quando relaxa. Algumas vezes já presenciei as crianças mais novas até chorarem devido o fim da festa. Isso reforça o quão importante e bem sucedida é a transmissão oral dos saberes do rosário, marcados no entusiasmo dos pequenos.

No dia seguinte, a guarda sai para mais algum café, almoço e, no fim da tarde, se reúne para a descida do mastro. Cada guarda é responsável por fazer descer um dos mastros, sendo que o massambique da Tabatinga cuida do mastro de São Benedito. Fazem reverência ao mastro, cantam em volta dele, e depois de muitas orações o descem. Os mastros são a ligação com o plano espiritual. Rezar ao pé do mastro tem um sentido especial, e os congadeiros e devotos assim o fazem. O mastro indica que, enquanto estiver hasteado, a comunicação com o sagrado fica diferente, como que mais próxima. É tempo de louvar aos santos, pedir graças, agradecer cantando e dançando, como fazem os congadeiros.

*Oh Senhora do Rosário,
Tenha pena de nós, alembra
Oia lembra lembra lembra
Pelo amor de Deus
Tenha pena de nós, alembra*

Figura 23- Descendo o mastro.



Figura 24- Dançando ao pé do mastro.



Sobre a transmissão de valores dentro do reinado, não se pode deixar de notar sua importância para a manutenção da comunidade, do rosário e das pautas quilombolas. A oralidade da transmissão se faz constante, diluída no cotidiano da comunidade. Acontece, por exemplo, quando a pequena Dafne sai pelo massambique com faixa de princesa, carregando bandeira do santo, e se apresentando com toda serenidade que é demandada ao massambiqueiro. Numa das minhas visitas, ela veio me dizendo, no dia anterior à festa, que estava com receio de perder a hora, e que iria colocar o celular para despertar às 4 horas da manhã. Evidentemente, a guarda de São Benedito não ensaia. Seus cantos são maturados na

prática. Tudo é feito na vivência, sentindo na pele, e ao sair às ruas em dia de festa, independentemente da idade. O pequeno Miguel, bisneto de Dona Sebastiana, experimentava as sensações do reinado ainda na barriga de sua mãe, poucos meses antes de nascer. Com menos de dois anos participou, acompanhando a guarda durante vários momentos da festa.

4 LIDERANÇAS E PROTAGONISMOS

4.1 Raízes: dos carrapatos à tabatinga

A comunidade quilombola Carrapatos de Tabatinga possui figuras que centram e planejam suas ações nos mais variados espaços que ocupam. Falar do quilombo é falar de Mãe Tiana. Suas histórias fundem-se em páginas de sofrimento, mas também de glórias e conquistas passadas e presentes.

Sebastiana Geralda Ribeiro da Silva, com seus 87 anos, nasceu em Bom Sucesso no dia 5 de dezembro de 1935, na localidade hoje conhecida como Carrapatos. Conta que, naquela época, seu povo ainda sofria abusos de um período recém abolição, mas que ainda colocava o negro numa situação marginalizada, diferindo muito pouco do período escravocrata.

Figura 25- Capitã Sebastiana.



Suas principais lembranças daquela fase de sua vida são atreladas à sensação de dor e sofrimento, pelas duras condições de vida e trabalho que seus pais e antepassados viveram lá.

Tem em sua narrativa uma passagem que me faz lembrar o realismo fantástico⁷⁴, de Gabriel Garcia Marques nas páginas de *Cem anos de solidão*, quando descreve uma revolta que foi silenciada, fazendo com que toda uma população pensasse que nada ocorreu. Na verdade, a fala de Sebastiana nada tem de fantasia, mas a história contada em suas palavras se torna fantástica, pelo seu ponto de vista enquanto “observadora participante” da narrativa. Segundo ela, numa certa ocasião, nessas fazendas em Bom Sucesso, os fazendeiros por vezes investiam em ofensivas armadas contra os negros que lá viviam no campo. Nessas ofensivas “à chumbo” dos fazendeiros, os negros e negras tiveram que se enfiar pela terra e se camuflar para escapar dos tiros e perseguições. Conta que ficaram muito tempo assim, sendo que, sempre que os fazendeiros atacavam corriam e se escondiam, saindo depois e reerguendo suas moradias. Os fazendeiros da época diziam que pareciam carrapatos saindo da terra. Tiana conta que daí surge o nome que carregam até hoje.

Saíram daquela região rural quando ela tinha por volta de 15 anos, indo morar em várias cidades do estado após seu pai conseguir um serviço na ferrovia Estrada de Ferro Paracatu. Foi numa dessas cidades em que passou que casou-se com seu primeiro marido, Valdemar Epifânio da Silva, que era militar. Conta que casou-se para fazer o gosto de seu pai, prática muito comum e que faz parte dos modos patriarcais que regiam e ainda regem nossa sociedade. Teve suas quatro primeiras filhas de um total de 7: Maria da Glória (Góia), Sandra Maria, Maria Imaculada (Muruca) e Tânia Aparecida.

Figura 26- Antônio Lázaro ou Pai Tonho.



⁷⁴ Estilo literário do princípio do século XX mais comum entre escritores hispânicos que mescla elementos de fantasia à realidade.

Posteriormente mudou-se para Contagem e em tempos difíceis conheceu seu companheiro atual de várias lutas: Antônio Lázaro, ou Pai Tonho como é carinhosamente chamado. Antônio ajudou Sebastiana a cuidar de seus filhos depois que ela se separou de seu primeiro marido, que veio a falecer tempos depois. Ele e Sebastiana se conheceram num desses centros onde vieram a trabalhar juntos, a Cabana do Pai Tomás. Antônio Lázaro também foi decisivo quanto à radicação dos Carrapatos na Tabatinga depois de 8 anos que ficaram indo e voltando à Bom Despacho para atender as demandas espirituais de lá. Tiana permaneceu em Contagem até princípios dos anos de 1970 quando mudou para Bom Despacho.

Sua ida à Bom Despacho marca o início de sua trajetória de visibilidade social na luta quilombola quando os Carrapatos se mudam para Tabatinga. Como disse, a umbanda é central na vida dos comunitários e foi através dela que estabeleceram os primeiros contatos e alianças naquela cidade do centro oeste mineiro. Sebastiana conta:

Vim aqui, pelo antigo delegado, que tinha um sobrinho dela, que pegava o capeta, ficava pelado andando pela praça. Ela (Elisa) me conheceu em Belo Horizonte, lá no Centro do Vanderlei. Tia Elisa. Ela falou assim "oh menina", ela tinha mania de chamar de menina, "oh minha fia, ocê trabaia bem demais. Cê podia ir lá em Bom Despacho dar um jeito no meu sobrinho. Nós tamo sofrendo demais". A muié bonita, era bonita. Falei com ela "oh, eu num conheço lá não, mas eu só posso ir sexta feira de noite, porque eu trabalho". "Não, eu te levo e trago". Aí quando deu uma sexta feira ela me trouxe. Onde é que é o banco que eu recebo, ali eu alembro era um restaurante. Cheguei no dia que ele tava peladão lá dentro, jogando umas cadeira, jogando tudo pra fora. Dr. Tales, ele olhou em mim e falou "oh fia, você que veio olhar meu irmão? A mocinha, é muito novinha minha fia". Falei "uai, se o senhor quiser que eu olho, eu olho, senão eu vou embora uai". "Não fia!". Fui franca com ele. Dona Luzia tinha pelejado, "não, mas a senhora vai tirar ele lá dentro (do restaurante) (...)". Ele era bonito, um partido, clarinho. Peladão, tirou a cueca, tirou tudo! Aí Dr. Tales veio com um cobertor "não, a gente não pode chegar perto dele, machuca nós". Aí eu tirei meu crucifixo que tava aqui, pus na mão e falei "vem!". Ele arregalou um olho em mim. Falei "aham, vem!". Ele veio. Quando chegou perto de mim ele caiu. Ele caiu e eu falei "agora vê uma corda aí, amarrar ele pra nós levar". Aí arranjou uma corda, pôs ele na camionete...naquela casa, na praça. Nós levou lá pro... o homem virou o capeta. Dava cada pinote minha filha, falei "deixa ele saltar". Fiz um bocado de água de sal e fui jogando nele, rezando creio em Deus Padre. "Agora Dona Luzia, vou chamar o (Exu) Veludo". Aí o Veludo desceu, marcou as obrigação tudo, que era pra nós fazer no meio do mato. Num podia trabalhar pra ele no terreiro não, num conhecia terreiro nenhum aqui!!⁷⁵

Tiana conta que a iniciaram na umbanda (e também no reinado) por volta dos 10 anos de idade, por seus avós, quando ainda morava em Bom Sucesso. Dedicou-se à umbanda praticamente a vida toda, de tal maneira que, seus atributos enquanto médium chamava

⁷⁵ Entrevista feita por mim, com a presença de Mãe Tiana, Pai Tonho e a pesquisadora Ana Carolina Araújo Fernandes.

atenção dos que a viam durante as práticas, como essa bondespachense Elisa, no final dos anos de 1950.

[...] Aí meu filho, quando foi onze e meia ele (Exu Veludo) desencostou. Ele amarrado. Falei "pode desamarrear ele". Ele olhava em mim meio assim. Abraçou comigo, aí nós foi pro mato. Chegou lá trabalhei a noite inteirinha. Aí riscou o círculo de Salomão. "Cê vai construir sua fazenda aqui!". Ele construiu a fazenda dentro do círculo de Salomão que o Veludo riscou. Acabou. É por isso que eles têm história comigo, minha filha. Já trabalhei pros quatro canto desse Bom Despacho. Primeira vez que eu pus o pé aqui, foi pra trabalhar pra esse povo.

Tiana reitera a importância da umbanda ao radicar-se em Bom Despacho, de tal maneira que segundo ela “primeira coisa foi subir as paredes do terreiro”. Através dela (umbanda), como foi dito, estabeleceram-se os primeiros contatos com a parte central da população daquela cidade, antes mesmo dos moradores da Tabatinga. Por intermédio de seus dons mediúnicos ficou regionalmente conhecida, tendo ajudado muitas pessoas naquela região, como até hoje é procurada. “Os quatro canto desse Bom Despacho deve nós. É por isso que as autoridade aqui me dá muito apoio. É!”, conta ela.

Tiana relembra que, ainda nos tempos de Bom Sucesso, sua avó, como num lampejo profético, lhe disse durante seu batismo que ela teria muitas famílias. As alianças feitas com os moradores da Tabatinga, quando os Carrapatos se mudaram pra lá, só complementariam as muitas famílias que Tiana têm. No total, ela tem 7 filhos biológicos, 25 netos e 21 bisnetos, os que ela teve de criação e aqueles que mesmo não tendo criado a chamam de mãe devido seu lado acolhedor embora enérgico. Tanto que é que também é chamada de “Mãe Tiana” em muitas comunidades. A mãe de todos os quilombos do Brasil, devido sua representatividade e engajamento, dela e de suas filhas pelas comunidades quilombolas.

Depois das primeiras idas de Tiana à Bom Despacho, Tonho passa a acompanhá-la: “aí depois, aí que vem... aí o reforço é eu. Aí nós já fica. Nós já fica por aqui”, diz ele.

Como disse, ainda é conhecida regionalmente por seus trabalhos na umbanda, sendo que já presenciei várias vezes pessoas inclusive de cidades distantes a procurá-la. Enquanto isso paralelamente foi criando raízes e erguendo seu massambique São Benedito.

Quando ela foi morar em Tabatinga esse local já era habitado pelos “Negros da Costa”, os mesmos que dominavam a Língua da Costa ou Gíria da Tabatinga, abordada por Sônia Queiroz no livro *Pé Preto no Barro Branco* (1998). O bairro era pobre, sem assistência e contando com pouquíssimos serviços básicos. Tiana conta que as casas eram rudimentares, de pau-a-pique e as ruas marcadas pelo famoso barro branco que dá nome à Tabatinga.

Figura 27- Pai Tonho no massambique.



Dona Tiana protagonizou várias conquistas pela comunidade juntamente com algumas pessoas que já moravam na Tabatinga. Ela contribuiu para que o nome do bairro não fosse mais associado à uma população marginalizada e oprimida, esquecida pelos políticos que administraram a cidade e tratada com indiferença pelo resto da população. Pelo contrário, colocou os comunitários para ocupar os espaços que são deles por direito. Os então “Carrapatos da Tabatinga” saíram de uma invisibilidade para serem protagonistas das principais celebrações de Bom Despacho, apresentando-se em momentos cívicos mostrando a cultura dos negros da Tabatinga e manifestações religiosas afro brasileiras. Tiana e seu povo vestiram as cores da Tabatinga e sob os holofotes bondespachenses desfilaram nas ruas exibindo sua cultura, agora reconhecida e respeitada.

Numa das minhas primeiras visitas à cidade, ela me mostrou uma placa com seu nome e foto numa praça, ao lado de outras figuras importantes como filantropos e demais cidadãos que contribuíram para o desenvolvimento da cidade. Sob seu nome está escrito “Sebastiana, líder comunitária”. Talvez ela tenha sido única pessoa daquele grupo a receber essa homenagem ainda em vida.

Nos ano 1988 em Bom Despacho, à convite da prefeitura, ela e toda a comunidade desfilaram no carnaval de Bom Despacho, com a Escola de Samba da Tabatinga. Nesta ocasião, na sede do quilombo Tiana preparou todo o figurino, coreografia e samba-enredo da escola. Ela conta que trabalharam durante semanas nos preparativos e ensaios. Na última hora, compôs o samba enredo, segundo ela numa inspiração que veio ao observar uma estradinha de terra por onde caminhões pesados tinham dificuldade de passar devido ao barro. Os Carrapatos da Tabatinga desfilaram e ganharam primeiro lugar no carnaval daquele ano.

4.2 Resiliência no rosário

Figura 28- Rosário acima do portão de entrada da casa de Sebastiana e Tonho.



Mãe Tiana traz em seu discurso o posto de primeira Capitã de massambique do estado. Seu espírito de liderança já se manifestava cedo, aos 15 anos de idade. Conta que teve que enfrentar muita briga para assumir o bastão do massambique de seu avô. Na época, segundo ela ninguém queria pegar, “num quis porque é responsabilidade muito grande. Muito perigoso. Massambique é muito perigoso”⁷⁶.

Pode-se dizer que o estabelecimento do massambique São Benedito foi uma das principais conquistas pessoais de Sebastiana. Deu-se sobretudo através de sua parceria com Antônio, uma vez que seu primeiro marido não aprovava seu envolvimento com o reinado. Não obstante, sagrou sua primeira batalha ao assumir o bastão e posto de capitã da guarda. Ela conta que ainda nos tempos de Bom Sucesso, seu avô já adoentado cogitava a hipótese de passar adiante seu massambique, mas para assumir não podia ser qualquer pessoa

⁷⁶ Notas de campo

Figura 29 - Massambique São Benedito.



Leonardo: Mas aí ninguém quis pegar o bastão?

Sebastiana: Num quis não porque é responsabilidade muito grande. Muito perigoso. Massambique é muito perigoso. (...) Tava com 15 anos. Quando eu peguei o bastão dele. Mas eu já dançava com ele né. Desde...já viu aquele netinho meu? Desde aquele tamanzinho com ele, eu já dançava com ele. Meu vovô.

Leonardo: Aí qual foi a entidade que não deixou você pegar? Foi a irmandade?

Sebastiana: Não. Num é irmandade não. Porque massambique é comandado por Ogum. E Ogum não admite mulher mandar nos regimentos dele. Aí eu tive que ser julgada e pedi licença pra Ogum pra continuar com meu bastão com meu avô. Aí fui absolvida. Eu sou a primeira capitã de Massambique, verdadeiro, dentro do estado de Minas Gerais.

Como se nota, sua primeira conquista também se deu por vias espirituais e de sua fé, ao narrar a passagem quando “negociou” com o santo e pediu licença para comandar assumir o bastão do seu avô, numa tradição que até então segundo ela “não admitia mulher”.

Leonardo: E como foi você pedir pra Ogum autorização pra você continuar?

Sebastiana: Ah, eu tive que ir no santo né? Tive que ir no santo. Eu trabalho com Ogum Mirim, Ogum Megê... aí fui no Ogum. Santo de Lua, que o Tonho trabalha com ele, né... Ogum Sete Lua.

Leonardo: E como que foi na Justiça? Você pediu pra Ogum e depois na Justiça?

Sebastiana: Não, eu ganhei lá uai. Mas eu tinha que pedir licença a eles aqui, no santo.

Leonardo: Primeiro aqui, né?

Sebastiana: É, nós tinha toda certeza que ia passar (na justiça). Veio africano, lá da África... (...) uma negona. Graças a Deus tudo meu é muito esclarecido fio. Tudo meu é dentro da lei, ali oh. Graças a Deus.

Essa primeira batalha de Tiana representa caprichosamente o eixo que me propus aqui neste texto. Os desafios políticos e espirituais imbricados na mesma demanda. Ela salienta a importância de andar certo com a justiça dos homens quando foi impelida a comandar seu massambique, mas não sem antes dobrar os joelhos às forças místicas, pedindo permissão ao santo para prosseguir. E com a anuência do sagrado vem a certeza que na justiça dos homens o êxito seria garantido.

Por que tem uma porção de mulher que é capitã né? Cê já viu, mas é de Congo, é Penacho, é Catupé, mas Massambique mesmo, do tempo da escravidão... de Minas Gerais [...] sou eu. (SEBASTIANA)

Dessa forma, os primeiros cantos de massambique que Tiana dobrou em Bom Despacho também forjaram sua liberdade enquanto mulher congadeira, reforçando a autonomia daquela que viria a ser um dos principais nomes nesse movimento espiritual afro-mineiro.

A resistência que Tiana protagoniza no reinado de Bom Despacho é singularizada pela relutância em manter as origens de suas tradições culturais, resistindo à uma tentativa de descaracterização da festa, por uma trivialização ou banalização. Essa resistência se dá quando a capitã reivindica os cantos legítimos do reinado, os ritos que tornam a festa peculiar e única. Por exemplo, dentre as passagens que conta, a matriarca já lutou quando tentaram mudar as roupas que o massambique usa, no intuito de impedir que os negros tocassem seus cantos dentro da igreja. “Isso é festa de negro, tem tradição. Num pode mudar assim”, conta ela.

Sebastiana: “Teve uma vez um padre que teve aí em Bom Despacho num queria que os negros batessem caixa dentro da igreja. Eu vinha descendo com meu povo e mandaram alguém avisar que o padre não queria lá dentro (da igreja). Daí eu respondi que meu massambique ia sim entrar na igreja e ‘nego’ ia sim tocar e cantar na igreja, e nada ia me parar”

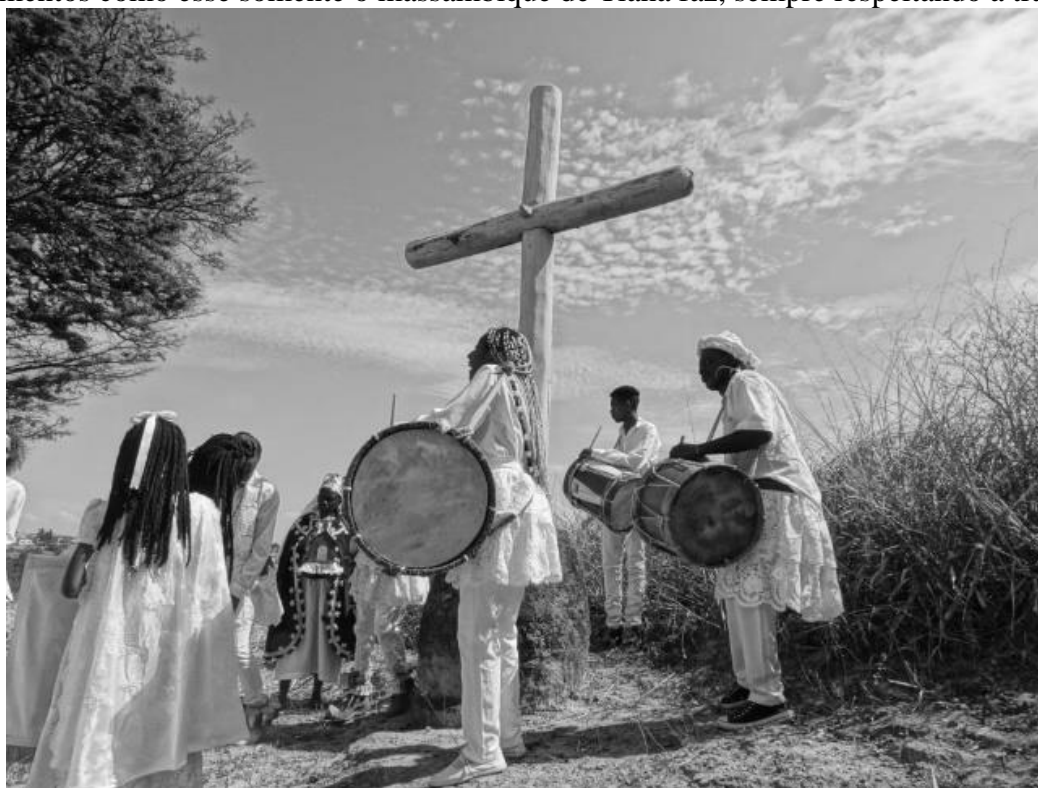
Leonardo: “E aí, vocês entraram?”

Sebastiana: “Entramos sim... a nega véia aqui entrou com o corte e o padre teve que aceitar”

Tiana conta que, essa tentativa de impedi-la a dançar na igreja foi justificada pelo fato dela ser “espírita”. Mas a matriarca e os quilombolas da Tabatinga têm muito bem definidos suas origens e obrigações com seu sagrado. “Essa festa é minha. Quando tem festa de santo branco eu não venho aqui não”, retrucou ela com o padre. “O negro que fugir dela é covarde” (A FILHA, 2014).

Essa tentativa de apagamento e ‘assujeitamento’ do protagonismo negro numa festa que tem suas raízes justamente no sofrimento dos escravizados é recorrente em várias regiões. Contudo, Tiana mantém-se firme e faz valer a memória de seu avô, de quem herdou o bastão, tal como sua fé e liderança. “Temos uma nação a zelar, temos uma hierarquia!” (A FILHA, 2014). Sua fala e postura reforçam a valorização do negro política e espiritualmente, confirmando sua autonomia diante de um movimento que lhe é legítimo, como o congado.

Figura 30- Massambique fazendo reverência num cruzeiro das almas. Determinados movimentos como esse somente o massambique de Tiana faz, sempre respeitando a tradição.



O massambique São Benedito ficou alguns anos sem participar da festa de N. S. do Rosário, que acontece na igreja do Rosário, situada no lado oposto da Tabatinga em Bom

Despacho. Como um ato político, ela conta que recusou a pedir esmolas com seu terno, a pedido dos dirigentes da igreja. Tal conduta de pedir esmolas, que depois seriam revertidas para a igreja, reforça e reproduz relações assimétricas entre os grupos negros e a instituição da igreja, e Tiana, uma visionária política se recusa. Diz que faz a festa com ajuda de toda a comunidade, dá comida para todos os ternos visitantes, mas não colocaria seu povo para pedir.

4.3 Protagonismo político de uma preta velha

Além de todo esse protagonismo que Sebastiana e sua família exercem em Bom Despacho através de seus feitos políticos, proporcionado como vimos pela sua espiritualidade, um outro espaço que por muito foi alheio aos negros também vindo sendo ocupado pela matriarca e seu povo: o âmbito acadêmico das universidades. Como mencionei, Sebastiana participa esporadicamente de disciplinas e eventos nas universidades abordando os saberes tradicionais. Além das referidas disciplinas na UFMG que aponte no início do texto, também esteve presente na Universidade Federal de Juiz de Fora. Ao lado de Seu Badu, do quilombo Matição discutiu cultura quilombola no Jardim Botânico da UFJF, tratando suas cosmologias e saberes quilombolas⁷⁷. Além disso, graças as conquistas que o povo quilombola recebeu nos últimos governos federais, os mais jovens da comunidade da Tabatinga têm se ingressado no ensino superior com bolsas específicas para quilombola. O que antes foi negado à Sebastiana hoje seus netos usufruem com direito.

Juntamente com essas participações em disciplinas acadêmicas, também dá palestras em várias universidades e nos mais variados eventos, seja em contextos ligados à política quilombola ou religiosos. É um ícone da luta quilombola, sendo reconhecida em todo cenário nacional. Depois de seus feitos tem o devido respeito e reconhecimento em Bom Despacho, onde levanta a bandeira quilombola e faz valer seu posto de capitã da guarda São Benedito. Citarei aqui alguns de seus feitos, que são da ordem política e social que fazem de Tiana referência de liderança quilombola.

⁷⁷ Algumas notícias da época:

<http://www.ufjf.br/secom/2014/06/25/ufjf-oferece-curso-de-ferias-sobre-artes-e-oficios-dos-saberes-tradicionais/>
<http://www.ufjf.br/noticias/2015/10/13/evento-analisa-como-museus-comunitarios-contribuem-para-o-bem-viver-e-a-preservacao-cultural/>
<http://www.ufjf.br/secom/2014/04/21/1a-jornada-universitaria-em-defesa-da-reforma-agraria-aproxima-o-ambiente-academico-ao-campo/>
<http://www.processocom.org/2014/05/10/historia-e-sincretismo-nos-quilombos-mineiros-um-encontro-com-mae-tiana-de-oxossi-e-seu-badu/>

Fora privada de qualquer educação escolar, mas conta que se escondia para ver as outras crianças, brancas diga-se de passagem, terem aulas e serem alfabetizadas. “Eu via tudo por um buraco na parede. Quando descobriram taparam, mas aprendi algumas letras”. Conta que onde nasceu não havia escola, “só trabalho”.

Esse espaço de educação que lhe fora negado antigamente, hoje ela conquista com sabedoria e notoriedade. Numa desses momentos, em novembro de 2015 quando Mãe Tiana foi palestrar na Universidade de Juiz de Fora, deu também uma entrevista marcante à um jornal local. Seus habituais trejeitos expressos em sua fala dura e intrépida marcam a voz de uma preta velha que nunca tolerou ser silenciada contra os abusos que sofrera e presenciara.

Nessa entrevista⁷⁸ seu discurso denuncia as assimetrias nas relações entre brancos fazendeiros e os negros sobretudo da Tabatinga. Quando lhe ofereceram para trabalhar nas terras de um senhor ela categoricamente coloca que o negro não mais se sujeitará “Não. Para quê? Para plantar para vocês comerem? Não. Meus negros vão trabalhar em banco, vão estudar. Não vão lavar bunda do filho de vocês”. Em sua memória é sempre presente a importância do negro na construção do Brasil:

A única raça que veio para enriquecer esse Brasilão foram os negros. Uns vieram para roubar, outros, para buscar ouro, enquanto o negro veio para trabalhar sem o direito de livre viver, sem ter o que comer, sem ter salário, sempre dando riqueza para esse país. A vida no quilombo melhorou, porque hoje os brancos estão parando para ouvir nosso lamento. Isso que estou fazendo, de falar nas universidades, tinha que ter acontecido no princípio do mundo, para o negro ser mais respeitado. (SEBASTIANA)

O fato de ter sido destituída do ensino formal nunca impediu Sebastiana de ser mestre em outros saberes, os não-acadêmicos. Numa época em que as mulheres eram socialmente impelidas ao trabalho doméstico em um lar mantido por um marido provedor, ela ingressou-se no mercado de trabalho formalmente de modo assalariado. Durante 25 anos, quando morava em Belo Horizonte, trabalhou como cozinheira profissional numa grande empresa do ramo alimentício chamada Torre Eiffel e de modo autônomo em *buffets*. Posteriormente atuou na área de enfermagem no conhecido Hospital da Baleia, também na capital mineira. Eventualmente fazia alguns serviços pequenos de *free lancer*, mas teve essas como suas principais profissões, por meio das quais conseguiu manter e criar seus filhos.

No lado espiritual também desde cedo já atuava e hoje se diz “zeladora de santo”. É filha de São Sebastião, o que lhe conferiu a alcunha de Mãe Tiana de Oxóssi, devido ao

⁷⁸ <https://tribunademinas.com.br/noticias/cultura/03-11-2015/o-cativeiro-nao-vai-acabar.html>. Acesso em 5 jun. 2018.

sincretismo entre Umbanda e os santos católicos. Entre os eventos religiosos dos quais participaram e que pude acompanhar, Mãe Tiana e Pai Tonho estiveram em 2016 no município de União dos Palmares, Alagoas, num encontro em homenagem à Zumbi dos Palmares e pela luta contra o preconceito racial. Participaram das solenidades de abertura desse evento que contou com a presença de aproximadamente sete mil pessoas, entre religiosos de matriz africana, grupos afros, e militantes em defesa da cultura afro-brasileira. O evento foi realizado em 20 de novembro, como celebração pelo Dia da Consciência Negra. Mãe Tiana conta que, embora tenha sido uma das poucas ou talvez a única representante da umbanda, foi muito exaltada e solicitada por todos.

No Festival de Cultura Quilombola – Canjerê de 2015, os Carrapatos de Tabatinga, liderados por Sebastiana, também marcaram presença, fazendo a abertura do evento. Em sua fala nessa ocasião Tiana ressaltou a necessidade de união dos povos afro-brasileiros e a conquista de seus direitos, conseguidos com muita luta e sangue derramado. A matriarca traz um profundo entendimento do valor de seu povo na construção social do país, tanto quanto seus direitos.

É a segunda vez, que essa afro negra, afro descendente vem aqui, não pra mostrar sabedoria, não. Essa nega véia vem aqui pra mostrar nossa fé, a nossa resistência do negro. Porque eu não vim aqui pra dar aula pra ninguém, porque (in)felizmente, a minha escola foi o céu, a minha caneta foi a enxada, e o meu diploma foi meu casal paterno (Maria e José Domingos). Então gente, eu venho aqui pra falar que se os negro fosse mais unido, nós não estaríamos nessa situação que estamos aí não, mas felizmente tem negro que não gosta de ser branco. Porque nós somos força, nós não temos medo ... eu tenho orgulho de ser negra, uma nega véia de 86 anos, e tô aqui, na luta, porque o negro, ele já nasce um artista, só tem que ter oportunidade. Então eu falo pros meus irmãos, pro meu povo de fé 'nunca desista', não. Num fica aí diminuindo seus irmão não, porque a única raça que fez riqueza pra essa nação foi os negro, e nós não podemos perder a oportunidade. Nós não viemos aqui pra roubar nada, então nós não queremos migalha também não, nós sabe trabalhar. Nós sabe planta, nós somos trabalhadores. Se nós fez o sinhô fica rico, porque nós não pode cuidar de nós. Então eu penso esse povo que tá me ouvindo aí, aqui não é nenhuma professora não, é uma nega sofrida! Mas de muita fé! - (SEBASTIANA, abertura do Festival Canjerê, 2015)

Sua fala é iniciada sobretudo ressaltando sua fé, que segundo ela garantiu suas vitórias e a levou onde se encontra hoje. Fala da resistência e da fé do negro, razão do acontecimento desse festival. Ressalta a importância de suas origens ao mencionar sua ascendência e suas raízes. Para Sebastiana a dimensão do negro e seu reconhecimento perpassa nas oportunidades que muitas vezes lhe são negadas. Ela não só fala da capacidade do negro mas as tem como exemplo pelos seus feitos, sobretudo em Bom Despacho.

Figura 31- Tambor Mineiro. Sebastiana sendo cumprimentada pelo deputado Reginaldo Lopes, do PT.



Seu discurso carrega o peso do passado histórico que marcou o negro aqui nas Américas e que segundo ela “fez o sinhô fica rico”, às custas de muito sofrimento.

Isso é maravilhoso, porque o negro não tinha direito nem de chorar, porque se chorasse ele apanhava pra caralho. Hoje o branco tá aí com olho arregalado na minha cara, dessa nega preta aqui. - (SEBASTIANA, abertura do Festival Canjerê, 2015)

E completa com o sucesso do negro ao acessar e ocupar tais espaços de poder que durante muito tempo lhes foram privados. Ontem o negro era oprimido, hoje os “branco tá aí com o olho arregalado” ouvindo e vendo a matriarca discursar.

No entanto, é taxativa ao afirmar que espera igualdade: “a igualdade racial não vai ter nunca na vida (...) a não ser que morram os pretos tudo ou os brancos tudo, nunca haverá. Falar em igualdade é tampar o sol com a peneira”⁷⁹.

⁷⁹ Entrevista mencionada na nota anterior.

Figura 32- Encontro de mulheres quilombolas realizado na Associação Quilombola de Bom Despacho, em 2017.



Figura 33- Maria das Graças⁸⁰.



⁸⁰ Evento realizado em Bom Despacho pela Associação Quilombola Carrapatos da Tabatinga em parceria com a Prefeitura Municipal de Bom Despacho e Universidade Federal de Minas Gerais. Tratava-se de uma capacitação aos professores da rede de ensino pública e privado sobre a Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no ensino nacional. Este evento foi uma das muitas conquistas dos Carrapatos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O quilombo da Tabatinga, assim como a trajetória de vida de sua matriarca, Sebastiana Geralda Ribeiro, são forjados na luta e na resistência de sua cor e modo de vida. A fé e dedicação da matriarca a seu santo devoto, São Sebastião (sincretizado com Oxóssi de quem ela leva o nome) e a São Benedito, que confere o nome ao seu massambique, direcionam e norteiam os quilombolas da Tabatinga em seus percursos, ao mesmo tempo que marcam seus atos políticos.

Ser um “Carrapato da Tabatinga” é fazer da resistência quilombola uma luta diária, travada nas mais diversas esferas que compõe a vida. Dessa resistência cotidiana, destaquei dois vieses que perpassam as principais vias que descrevem os enfrentamentos dos moradores dessa comunidade: a fé/espiritualidade e seu protagonismo nos espaços políticos e de poder.

Na esfera política, os espaços que os quilombolas da Tabatinga vêm ocupando são sempre ancorados em sua espiritualidade e na fé. Seja em Bom Despacho, em contextos religioso como a festa de Reinado, ou em encontros em demais localidades, como Canjerê e outros, Sebastiana sempre marca presença e em seu discurso exalta a capacidade do negro, onde já que “fez o sinhô fica rico”, porque não cuidar deles próprios? Afinal, “o negro, ele já nasce um artista, só tem que ter oportunidade”. Da mesma forma fala da necessidade de união de seu povo a fim de fazer valer a justiça e o reconhecimento da importância do negro na constituição social, identitária e cultural do Brasil, além é claro das riquezas. Como aponta a matriarca “porque a única raça que fez riqueza pra essa nação foi os negro” (discurso na abertura do Canjerê de 2015).

As palavras bradadas em sua fala são impregnadas por sua história de vida, de dificuldade e superação de uma “preta velha” que batalhou e batalha por respeito e liberdade para seu povo, negros e quilombolas. Vivenciou junto com sua família uma migração forçada, seja pelo trabalho forçado nas fazendas de Bom Sucesso ou pelas precárias condições de vida que o negro tivera que enfrentar em meados do século passado.

Esse movimento por parte dos Carrapatos de Tabatinga de encontro aos espaços que foram historicamente negados aos negros revela a exímia estrategista que é Sebastiana. As inúmeras entrevistas na rádio Difusora, quando leva seus convidados a passear pela cidade e é saudada pelas autoridades, pelo respeito quem tem dos gestores do município. Tiana vê a importância dos quilombolas não só em serem respeitados e reconhecidos nessas diversas

esferas, mas também ocupar o que lhe é de direito, conquistando autonomia para seu modo de vida. Expressa-se nas conquistas sociais que a matriarca logrou, pela sua família, pela comunidade, por todos os quilombos. Também se faz presente pelas filhas Sandra, Tânia e Graça nos cargos políticos que ocupam, através de seus esforços na N'Golo mobilizando e fortalecendo as mais diversas comunidades no território nacional, inserindo-as na luta. Se hoje ser quilombola é motivo de orgulho em Bom Despacho, esse feito se deve a figura da Sebastiana, que viu nas mudanças políticas e na legislação quilombola a partir de 2003 uma grande oportunidade de estender e avançar na sua luta por direitos. O Decreto Nº 4.887 juntamente com o Art. 68 (ADCT) da Constituição de 1988 abriram portas e alavancaram as muitas melhorias conseguidas pelas comunidades negras ao trazer o discurso quilombola, sendo muitas as narrativas como as de Tiana, que ficaram sabendo de seus direitos por ações da Fundação Cultural Palmares dentre outras.

Sua resistência se faz a partir de sua espiritualidade, sua luta se refaz pela persistência de seu massambique em manter as tradições ancestrais que dão a tônica ao Reinado de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Essas tradições ancestrais remetem ao protagonismo do negro na festa de uma santa branca, parte do universo católico/europeu. Em seu mito de origem a santa intercede e responde pelo negro e não atende ao chamado do senhor branco. É importante lembrar que esta é a única guarda de massambique composta essencialmente por negros e quilombolas, quase todos da família de Sebastiana. O mesmo também vale para a festa de Reinado de Bom Despacho. Estar de pé para o massambique São Benedito é fazer viva a memória dos antepassados da matriarca, representando também sua vitória ao ocupar lugares de prestígios na sociedade. Essa luta se dá também nos pormenores que cercam a festa de congado nessa cidade, como as muitas tentativas de descaracterizar seus ritos e fundamentos, por exemplo, o uso de roupas e turbantes, ou de cercar suas práticas dentro da igreja. A capitã Sebastiana faz valer suas origens quando seus massambiqueiros, ao carregar o andor de São Benedito, cantam para os pretos velhos:

*No tempo do cativo,
preto velho sempre trabalhou
não tinha nem sol e nem lua
levando recado para seu sinhô*

De fato, o massambique São Benedito da Tabatinga faz um contraponto aos demais cortes da festa, sendo o único (que presenciei) que reverencia suas origens, cantando sobre o sofrimento de seus ancestrais cativos e reivindicando o protagonismo do negro na festa. Por

outro lado, a capitã faz duras críticas às demais guardas que inserem no Reinado cantos que não compõem as tradições do congado. Para Tiana, tais músicas desrespeitam a sacralidade da principal herança cultural para os quilombolas da Tabatinga. De um passado que lhe vem à memória, nas suas narrativas de como era proibida de entrar na igreja para rezar, hoje Tiana é o principal nome da festa do Rosário e da festa de São Benedito na cidade de Bom Despacho. Quando está em destaque durante as festividades faz questão de ressaltar seu lugar de fala, uma “preta velha dos tempos da escravidão” que luta pelo seu povo.

Minha escrita encerra-se aqui, entretanto, o trabalho e parceria com os Carrapatos de Tabatinga continuará, conseqüentemente, extrapolando o âmbito acadêmico. Em breve, na segunda quinzena do mês de julho de 2018, acontecerá o III Festival Cultural de Inverno de Bom Sucesso, onde através de alguns esforços meus, a comunidade quilombola Carrapatos de Tabatinga se apresentará com um grupo de dança, serão jurados do Miss Beleza Negra de Bom Sucesso, e finalmente uma participação especial por meio de um discurso da matriarca. Este será um importante momento que marca o retorno de Sebastiana à sua terra natal depois de quase 80 anos, além dos demais comunitários conhecerem a localidade que cunhou o nome do quilombo.

Figura 34- Participação no III Festival Cultural de Inverno⁸¹.



⁸¹ Cartaz de minha autoria para divulgação da participação dos Carrapatos de Tabatinga no III Festival Cultural de Inverno de Bom Sucesso, 2018.

Como graduando, procurei dar à minha vivência com os Carrapatos da Tabatinga uma tônica que vai de encontro ao que muitos autores ressaltam sob o fazer antropológico. Como destaca Aderval (2016), em ressonância à Alcida Ramos (1990) o engajamento político marca a atuação e o fazer antropológico no Brasil, coerente à uma preocupação de atuar em favor de comunidades historicamente excluídas. Para tal, o rigor profissional faz um elo com o engajamento político. Na minha graduação, pude presenciar tal engajamento por parte de professores do departamento de antropologia da UFMG.

O protagonismo dos carrapatos nasce da inspiração dos comunitários na figura de Sebastiana e atinge as mais diversas esferas de suas vidas. São inúmeras as suas realizações desde que se estabeleceram em Bom Despacho, mas essa luta se faz presente e contínua enquanto houver um “carrapato” resistindo. Essa batalha, como procurei mostrar aqui, se faz de modo quase que indissociável, pois seu povo é como as contas que unidas formam o rosário.

REFERÊNCIAS

A FILHA de São Sebastião. Produção de Caturra Digital Filmes BH. 2014, 47 min, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6nHORCY-EEE>. Acesso em: 18 abr. 2018.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Quilombo e as novas etnias. In: **Quilombos: identidade étnica e territorialidade**. ABA (org.) 2002.

ARRUTI, José Maurício. Quilombos. In: PINHO, Osmundo; SANSONE, Lívio. **Raça**. Novas Perspectivas antropológicas. Salvador: Associação Brasileira de Antropologia; Edufba, 2008.

BASTIDES, Roger. **Les Amériques Noir**. Paris: PUF, 1973.

CAMPOS, Sandra M. C. T. L. A imagem como método de pesquisa antropológica: um ensaio de Antropologia Visual. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo: MAE/USP, n. 6, p. 275-289, 1996.

CARNEIRO, Edson. **O Quilombo dos Palmares**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1958.

CÊ me dá licença: capitão Julinho e o congado de Fagundes MG. Realização de Clube do Violeiro Caipira de Brasília e Gaia Vídeo. Coordenação e direção musical de Sebastião Rios. Direção de Wesley Zaremaré. Santo Antônio do Amaparo: Gaia Vídeo e Cumbi Produção Audiovisual, 2008. 1 DVD (51 min.), son., color.

CHAGAS, Míriam de Fátima. A política do reconhecimento dos “remanescentes das comunidades dos quilombos”. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 7, n. 15 de julho de 2001. P. 209-236.

COSTA FILHO, Aderval. As comunidades dos quilombos, direitos territoriais, desafios situacionais e o ofício do(a) antropólogo(a). **Novos Debates - fórum de debates em antropologia**. Brasília, vol.2, n.2, p.126-140, jun.2016. Disponível em: <http://novosdebates.abant.org.br/images/pdf/v2n2.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2018.

COSTA, Karla Tereza Ocelli. **Vem que hoje é dia de festa: corpo, território e ancestralidade nas festas da comunidade quilombola Carrapatos da Tabatinga – Bom Despacho, MG**. 2017. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Educacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

COLLOQUE FRANCE-BRÉSIL EN MIROIR: reflets et réflexions d’une anthropologie contemporaine. **Photos du colloque France-Brésil**. 26 out.- 6 nov.2017. Disponível em: https://photos.google.com/share/AF1QipNyNkJsOYXfSsQDpOcxu9KaA0wrA8l85VyQrNDQ3MFbmoA34oJV_6ypXCySiMwsg?key=MzUyXzg2dUFEV2VtVVdsN1dNZUxNeTl6NkZCNER3. Acesso em: 23 abr. 2018.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Cultura com aspas e outros ensaios**. 2 Ed. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

DANDARAS, a força da mulher quilombola. Produção de Ana Carolina de Araújo Fernandes e Amaralina Fernandes. 2015, 30 min, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RSW3uEfk4QU>. Acesso em: 15 abr. 2018.

FERNANDES, Ana Carolina de Araújo. **Do fogo e da justiça: Sandra Maria da Silva Andrade**. 2017. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília.

FERNANDES, Florestan. **A integração do Negro da Sociedade de Classes**. 5 ed, vol. 1. São Paulo: Ed. Globo, 2008.

FENNEL, Christopher C. **Identidade de grupo, criatividade individual e geração simbólica na diáspora bakongo**. Vestígios volume 7 número 2 julho-dezembro 2013.

FREYRE, Gilberto. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros no século XIX**. São Paulo/Recife: Editora Nacional/Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1979.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. 50 ed. Global Editora. 2005.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOMES, Rafael da Costa. **Das terras de lá às terras de cá: reis são reis**. In: PEREZ, Léa Freitas; MARTINS, Marcos da Costa & GOMES Rafael Barros. **Variações sobre o reinado: um rosário de experiências em louvor a Maria**. Porto Alegre: Medianiz, 2014

MACHADO, Leonardo Henrique Cruz. Nas contas do meu Rosário: breve imersão religiosa no quilombo Carrapatos da Tabatinga (MG). **Acervo Revista de Antropologia do Centro-Oeste – Cultura Popular, Patrimônio e Performance (Dossiê)**, vol. 4.n.7, p.237-248, jan/jul. 2017. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/view/5173/pdf>. Acesso em: 01 maio 2018.

MOÇAMBIQUE do Capitão Júlio Antônio Filho. **Foi o que me trouxe**. Direção Roberto Corrêa. Santo Antônio do Amparo: Clube do Violeiro Caipira de Brasília & Viola Corrêa Produções: 2008. 1 disc compact (60 + min.): digital, estéreo.

MOREIRA, Agda Marina Ferreira. **O processo educativo da comunidade quilombola de Carrapatos da Tabatinga: a afirmação identitária e a formação de sujeitos engajados mediante transmissão oral de uma memória compartilhada**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação, Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte.

PEREZ, Léa Freitas; MARTINS, Marcos da Costa & GOMES Rafael Barros. **Variações sobre o reinado: um rosário de experiências em louvor a Maria**. Porto Alegre: Medianiz, 2014.

QUEIROZ, Sônia. **Pé preto no barro branco**: a língua dos negros da Tabatinga. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

RAMOS, Alcida Rita. O antropólogo: ator político, figura jurídica. **Série Antropologia**. Brasília, DAN/UnB, 92: 1-22, 1990.

RAMOS, Arthur. **Aculturação negra no Brasil**. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1942. (Brasília: Biblioteca Pedagógica, série 5, v. 224).

SCHMITT, Alessandra; TURATTI, Maria Cecília Manzoli; CARVALHO, Maria Celina Pereira de. A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. **Ambient. soc.**, Campinas, n. 10, p. 129-136, junho 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-753X2002000100008&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 15 jun. 2018.

SGOTI, Silmara de Mattos. **A comunicação comunitária dos quilombolas Carrapatos da Tabatinga: o diálogo como práxis da comunicação interpessoal e grupal**. 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

SILVA, Itamar. **Caracterização da Comunidade Quilombola Carrapatos de Tabatinga**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas, [2012?].

SILVA, Rubens Alves da. **Negros católicos ou Catolicismo Negro?** Um estudo sobre a construção da identidade negra no Congado mineiro. 1 ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

SILVA, Wagner Gonçalves da. Exu do Brasil: tropos de uma identidade afro-brasileira nos trópicos. **Revista de Antropologia**, São Paulo: USP, v. 55, n. 2, p. 1085-1114, 2013.

SOILO, Andressa Nunes. **A arte da fotografia na antropologia**: o uso de imagens como instrumento de pesquisa social. *Revista Habitus*, vol 10 - n. 02 – 2012.

TAVARES, Thiago Rodrigues. A religião vivida: expressões populares de religiosidade. In: **Sacrilegus**, Juiz de Fora, v. 10, n.2, p. 35-47, julho-dezembro de 2013. p. 35-47.

VILARINO, Marcelo de Andrade: **D'África ao Brasil**: elementos hi[e]stóricos coformadores e estruturantes do congado belo-horizontino. In: PEREZ, Léa Freitas; MARTINS, Marcos da Costa & GOMES Rafael Barros. **Variações sobre o reinado**: um rosário de experiências em louvor a Maria. Porto Alegre: Medianiz, 2014.